

Jéssica Morgenha da Silva Nascimento

Astromélias de Marias:

Narrativas de Vida de Mulheres Brasileiras

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2021

Jéssica Morgenha da Silva Nascimento

Astromélias de Marias:

Narrativas de Vida de Mulheres Brasileiras

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª Drª Kátia Fraga

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2021



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Memorial intitulado *Astromélias de Marias: Narrativas de Vida de Mulheres Brasileiras*, de autoria da estudante Jéssica Morgenia da Silva Nascimento, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª Drª Kátia de Lourdes Fraga– Orientadora
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Profª Drª Mariana Ramalho Procópio Xavier
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Profª Mª Naise Valéria Guimarães Neves
Curso de Educação Infantil - UFV

Viçosa, 15 de outubro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Lembro bem, uma pequena menina deitada na cama enorme dos pais, encostada na cabeceira de madeira brilhosa e com os papéis de fichário coloridos sob as pernas. Foi ali que minha mãe teve a certeza que eu escreveria um livro um dia. Em meio às palavras misturadas, registradas no papel com um lápis de ponta de pedrinha brilhante, comecei a alimentar o sonho que a, hoje, grande menina pôde finalmente realizar: contar histórias.

A pequena aventurava-se na ficção, no que a imaginação da criança permitia alcançar, inventando mundos e aventuras. A grande encontrou, na realidade, os mundos e não só aventuras, mas também muitas dores de mulheres fortes e corajosas, cujas histórias criaram seu próprio rumo de simples conversas e por fim capítulos escritos em teclados de computador.

Vó Vanda, esse livro é pra senhora, minha maior inspiração para esse trabalho. Quando as dificuldades da produção batiam ainda mais forte na porta, era na senhora que pensava, no amor e orgulho que faz questão de reforçar por mim. Bastava uma ligação de vídeo e suas lágrimas de emoção do outro lado da tela para tudo entrar no eixo novamente. Tenha certeza que quem sente o maior amor e orgulho do mundo sou eu pela mulher forte, carinhosa e presente que a senhora é.

E claro, que não poderia deixar de lembrar da minha outra figura materna, minha Vó Maria, ou para mim, Vó Ia. Com ela me aventurei com as mãos e os pés na terra, em seu enorme jardim, repleto de plantas verdes e flores coloridas. As astromélias sempre estiveram presentes, em todo o lugar, bastando um abrir de olhos certo para observá-las em sua beleza mais exuberante.

Da pequena menina à mulher, existiram diversas versões de uma mesma Jéssica. Foram inúmeros os papéis de rascunhos rasgados e amassados espalhados por quartos em cores verde clara, rosa choque até o mais recente cinza claro. Nesse meio tempo, criei mundos imaginários na minha cabeça, vivi aventuras, enfrentei enormes dragões nos castelos das princesas, até me arrisquei a desenhar casas e planejar decorações que ficaram apenas no papel. Mas o que eu sempre gostei mesmo foi de escrever histórias e hoje isso pôde finalmente se materializar.

Todas essas Jéssicas existiram, traçaram caminhos, superaram desafios e realizaram sonhos porque tiveram ao seu lado pessoas que serviram de apoio, de colo e deram aquele empurrãozinho para que ela não parasse no primeiro buraco no meio da estrada. Assim, principalmente, gostaria de agradecer a todas as mulheres de minha vida que, de certa forma, me inspiraram e me ajudaram a caminhar por toda a trajetória antes, durante e após o nascimento de “*Astromélias de Marias*”.

Mãe, obrigada por sempre ter sido minha fã número um, por ter acreditado em mim desde o princípio, quando nem eu mesma acreditava, e ter feito o impossível para que eu não desistisse dos meus sonhos. Segura as lágrimas, pois eu sei que a senhora chora até com uma lista de compras que eu faça em um papel de pão.

Mariana Procópio, obrigada por ter me ajudado, mesmo sem saber, a me encontrar na graduação e por ter a certeza absoluta que foi, por incrível que pareça, com as vendas nos olhos e as lágrimas escorrendo que tudo clareou e fez todo o sentido a partir de então. Kátia Fraga, minha amada orientadora, quantas foram as milhares de vezes que só queria poder te abraçar e dar risadas pessoalmente, sem uma tela nos separando. Obrigada, do fundo do coração, por ter me acolhido quando mais precisei, por ter acreditado nesse trabalho, por ter me acalmado e me colocado para cima em cada um dos diversos momentos quando achei que não conseguiria continuar. Vocês duas são minhas maiores e melhores inspirações que a UFV poderia ter me proporcionado ao longo desses anos.

Andrea Ribeiro e Joice Castro, a coordenadora e bolsista, respectivamente, do Greens - Grupo de Estudos e Práticas sobre Envelhecimento, minha luzes num túnel que a princípio era extremamente escuro e infinito. Obrigada por terem sido as guias para que eu pudesse encontrar quatro das sete histórias que compõem esse livro. O acolhimento e ajuda de vocês foram sem dúvidas fundamental para que essas lindas memórias pudessem estar registradas hoje.

Letícia Ventura, do Artetatuante, a ilustradora maravilhosa que topou entrar nesse barco sem nem pensar duas vezes. Em poucas trocas de mensagens, já criamos uma conexão maravilhosa que pôde ser confirmada a cada entrega das ilustrações que carregam um pouquinho da história, das vivências e cicatrizes de nossas Marias. Obrigada por ter

aguentado meus áudios versão *podcasts*, contando minhas 'trocentas' ideias e também indecisões. Tenho muito orgulho de poder construir esse trabalho tendo a sua arte nele.

Magabi, obrigada por estar sempre tão presente mesmo, sendo uma incentivadora dos meus sonhos e dando todo o suporte para que eu chegue seja lá onde for. Letícia, você foi a primeira pessoa a ouvir o rascunho da primeira história já escrita para este livro. Obrigada por fazer parte desse e de tantos outros momentos tão importantes para mim. Laísa, minha revisora sofredora. Eu nem pensei duas vezes para ter a certeza que era você que me ajudaria a encontrar as melhores versões para essas lindas histórias. Foi com seu toque, seu lado artístico e poético que pude me desafiar ainda mais e alcançar o resultado materializado em livro.

Às minhas amadas Lindinhas, mulheres fortes e incríveis com quem dividi minhas manhãs, tardes e noites nesses últimos anos. Obrigada por terem sido meu apoio nos mais diversos momentos, por todas as risadas e abraços acolhedores. Vocês são minhas grandes inspirações nessa vida e em todas as outras. É um privilégio e tanto poder cruzar o meu caminho com o de vocês.

Pai, Vô Chico, Tio Edu e Tia Priscila, obrigada por mesmo na distância não medirem esforços para me apoiarem ao longo de toda a vida e principalmente, neste período de graduação. Sou extremamente grata por tê-los ao meu lado em todos os projetos que me desafio enfrentar.

Se eu mencionei você ou não por aqui, tenha certeza que agradeço profundamente por qualquer que tenha sido sua contribuição, seja no processo árduo de produção ou simplesmente fazendo parte da minha vida de alguma forma, sendo o amigo que eu tanto precisava.

Por último e sendo bem clichê, mas não menos importante, não poderia deixar de agradecer as minhas sete Marias que acreditaram e confiaram em uma completa estranha atrás de uma tela de chamada de vídeo do *WhatsApp*. Eu não vejo a hora de poder estar junto de cada uma de vocês, sentada na mesa da cozinha, comendo um bolo e tomando um café quentinho, mesmo eu nem tomando café. Eu faria qualquer coisa para estar junto de vocês fisicamente, rindo e ouvindo suas histórias.

Aqui me despeço e deixo meu maior profundo amor e gratidão a vocês que chegaram até aqui comigo. Esse é só o começo de uma vida inteira de aventuras que espero poder compartilhar com vocês, assim como a Jéssica em seus meros oito anos sonhava em poder realizar. Histórias, sejam elas pequenas ou grandes, merecem ser ouvidas, e eu sempre terei o maior prazer em poder contá-las e recontá-las quantas vezes forem precisas.

RESUMO

Como projeto experimental e requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social/ Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa, apresentamos o livro-reportagem “*Astromélias de Marias: Narrativas de Vida de Mulheres Brasileiras*”, um conjunto de perfis de sete mulheres, cujas histórias de vida se entrecruzam dentro de um contexto de pouco ou inexistente acesso à uma educação de qualidade. Dividido em capítulos, buscamos encontrar em suas narrativas de vida, compartilhadas a partir de suas próprias memórias individuais, os caminhos percorridos e que contribuem para compreendermos seu distanciamento com a leitura e escrita, entendendo que, historicamente, as mulheres tiveram seus direitos educacionais limitados por diversos motivos coletivos e individuais. Logo, nesse memorial, apresentaremos as principais discussões de ordem teórica e metodológica que nos ajudaram a compreender as escritas jornalísticas no molde literário e como pudemos colocá-las em prática a partir de um contexto de pandemia. Em “*Astromélias de Marias*” e utilizando da liberdade proporcionada pelo jornalismo literário, falamos sobre mulheres e suas histórias de vida, repleta de dores, lágrimas, superações e também a busca pela própria felicidade.

PALAVRAS-CHAVE

narrativa de vida, jornalismo literário, analfabetismo, mulheres

ABSTRACT

As an experimental project and a partial requirement to obtain the Bachelor's Degree in Social Communication/ Journalism by Federal University of Viçosa, we introduce the non-fiction book “*Astromélias de Marias: Narrativas de Vida de Mulheres Brasileiras*”, a profile collection of seven women, whose life's story crisscross in a few or non existence quality educational reality. Divided in chapters, we seek to find in their lives narratives, shared by their own individual memories, paths which contribute to understanding their distance from reading and writing, taking into account that, historically, women had their rights limited by various collective and individual reasons. Therefore, in this memory, we present the mainly theoretical and methodological discussions which supported the process of understanding the journalist writing on a literary mold and how we managed to put them into practice during a pandemic context. In “*Astromélias de Marias*” and taking the liberty provided by literacy journalism, we address women and their life stories, filled by pain, tears, overcoming and also the search for their own happiness.

KEY-WORDS

life narrative, literary journalism, illiteracy, women

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	8
SUMÁRIO	9
INTRODUÇÃO	10
NARRATIVAS, NARRATIVAS DE VIDA E O JORNALISMO	17
JORNALISMO LITERÁRIO	21
Livro-reportagem perfil:	24
Jornalismo literário e as influências do “jornalismo sentado”	27
O PROCESSO DE PRODUÇÃO	29
Pré-Produção:	30
A reestruturação	32
Procurando novas fontes	36
Produção:	37
Entrevista	38
Escrita	42
Solicitando autorizações	44
Pós-Produção:	45
NOSSAS MARIAS	47
Alzira Carlos Malta de Freitas	49
Teresinha Martins Campo e Silva	50
Luiza Ribeiro	51
Maria Lucia Sabino Bosco	52
Lelia Maria Borges	53
Maria das Graças Gomes Moreira	54
Vanda da Conceição Nascimento	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

1. INTRODUÇÃO

Com raízes grossas e profundas e caules delicados, que podem ser facilmente quebrados, quando manuseados sem o cuidado necessário, as astromélias encontram já na meia-sombra, com poucos raios de sol, a força que precisam para crescer. Composta por seis pétalas, trás em cada uma delas a representação da compreensão, do humor, da paciência, da empatia, do compromisso e do respeito.¹

Da mesma forma, em uma vida repleta de obstáculos, que cortam, machucam e deixam cicatrizes, mulheres procuram meios de saírem da escuridão e encontrarem aquele pequeno raio de sol que as permitirão florescer. Com uma diversidade de cores, entre branco, rosa, vermelho, violeta, vinho, laranja e lilás, as astromélias se multiplicam em mais de cinquenta espécies.

Nenhuma flor é igual a outra, por mais que se assemelham, seja em tamanho ou cor. Cada uma segue seu próprio e único processo de crescimento, recebendo ou não a quantidade de água e fertilizantes necessários para atingirem o objetivo do crescimento e do florescimento. Em *“Astromélias de Marias: Narrativas de Vida de Mulheres Pouco Escolarizadas”*, não falamos de botânica ou flores, e sim, de histórias e memórias de mulheres, em sua diversidade e caminhos singulares, que firmaram raízes, lutando contra tantos obstáculos, incluindo o do pouco ou completo não acesso à educação, e ainda assim, foram capazes de florescer.

Com base no Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 11,7 milhões² de “Marias” registradas no país, configurando-se como o nome mais comum entre as mulheres brasileiras e por isso, carrega consigo a possessão dessas flores. As astromélias são delas, de nossas tantas Marias espalhadas de norte a sul.

Uma segunda inspiração para o nome e temática desse livro é o curta-metragem *“Vida Maria”*, que carrega também o forte nome da mulher brasileira e dirigido por Márcio Ramos, conta a história de uma menina de cinco anos que é condicionada a abandonar os estudos para

¹ IKEBANA Flores. **Astromélia: conheça essa flor cheia de beleza e significados!** Abr. 2019. Disponível em: <https://www.ikebanaflores.com.br/blog/astromelia/>

² IBGE. **Um Brasil de Marias e Josés: IBGE apresenta banco de nomes com base no Censo 2010.** Agência de Notícias IBGE. Abr. 2016. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9552-um-brasil-de-marias-e-joses-ibge-apresenta-banco-de-nomes-com-base-no-censo-2010> Acesso em: 07 nov. 2020

trabalhar. Vencedor de mais de 50 prêmios em festivais nacionais e internacionais, o filme com cenário no sertão do Ceará, no nordeste brasileiro, retrata em uma atmosfera realista e humanizada o crescimento da menina que trabalha, casa, tem filhos e envelhece.

A menina cheia de ambições e que ansiava o aprender das letras é substituída por uma senhora endurecida pelos “maus cuidados” de sua própria vida, tornando-se assim o espelho de sua mãe, que décadas antes a havia impedido de estudar. A linhagem familiar feminina daquela família era composta por diversas Marias: Maria de Lurdes, Maria José, Maria Aparecida, Maria de Fátima, Maria das Dores, Maria da Conceição e Maria do Carmo, onde todas elas, em meio ao tempo, envelhecimento, força e exaustão, abandonaram os estudos pelo trabalho de sobrevivência, na roça e no lar.

O curta, além de inspirar o nome do livro “*Astromélias de Marias*”, é a representação viva de uma realidade que está do nosso lado e, por muitas vezes, optamos por não enxergar. Eliane Brum (2006), em seu livro “*As vidas que ninguém vê*”, inclusive reflete sobre o quanto acabamos por não olharmos para as problemáticas que se instauram ao nosso redor.

A hipótese era a de que o nosso olhar fosse sendo cegado, confundido por uma espécie de catarata, causada por camadas de rotinas, decepções e aniquilamentos, que nos impedem de ver. Vemos o que todos veem e vemos o que nos programaram para ver (BRUM, 2006, p.129).

Com o passar do tempo, acabamos por acreditar que o analfabetismo não se configurava como uma realidade em uma sociedade cada vez mais modernizada e com fácil acesso a tantas informações. Contudo, isso não passa de uma falsa sensação de que por aí não existem milhares de centenas de pessoas que não são capazes de ler nem escrever.

Segundo a PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, publicada em 2019, há cerca de 11 milhões de analfabetos no país³ (6,6%), acima dos 15 anos, e 32,2% de brasileiros não possuem o fundamental completo. Logo, não concluíram o ensino básico estabelecido pelo Ministério da Educação, deixando-nos cada vez mais longe de erradicarmos o analfabetismo no país, previsto para 2024, de acordo com o Plano Nacional de Educação, Lei 13.005/2014.

³ TOKARNIA, Mariana. Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever. Agência Brasil. jul. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos> Acesso em: ago. 2021.

Quando recortamos a população aos 60 anos ou mais, o número aumenta radicalmente. De 6,6%, da população geral, para 18%, somente entre os idosos, atingindo a marca de 6 milhões de homens e mulheres analfabetos. Por mais que hoje, a porcentagem de mulheres e homens seja a mesma, entre os mais velhos, historicamente, as mulheres, por inúmeros motivos, carregavam o fardo dos maiores números nas estatísticas.

Por muitos anos, elas foram excluídas dos processos educativos que beneficiavam somente homens brancos e ricos, o que nos leva a perceber que não somente o gênero era um fator que as afastavam dos espaços públicos e de estudo. Ler e escrever era um privilégio masculino dos quais as mulheres eram negligenciadas (RIBEIRO, 2007).

Destinadas ao lar, seus deveres resumiam-se em casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, sob controle de pais e maridos (STAMATTO, 2002). Foi somente a partir de 1759, quando a educação passou a não ser mais ordenada pelo monopólio católico, que as meninas ganharam uma escola exclusiva para o público feminino, representando a primeira tentativa de transformação, já que naquele momento, até então, sua única possibilidade seria adentrar aos conventos religiosos, onde aprenderiam os estudos da Bíblia e da fé. Com a nova realidade, as meninas também puderam se debruçar sobre estudos como história, matemática e línguas, estes já aplicados nas escolas para meninos há tempos (TOMÉ, D; QUADROS, R; 2012).

Com o foco ainda nas “artes do lar”, as mulheres começaram a conquistar seus espaços a partir de muita luta e a passos lentos. Na virada do século XIX e XX e a criação de escolas mistas (BURGER, 1984), começamos a chegar um pouco mais próximo do que conhecemos hoje. Ainda assim, o lugar social das mulheres permanecia como esposa, dona de casa, que deveria se dedicar totalmente aos cuidados do marido e dos filhos (STAMATTO, 2002).

Mas por mais que ao longo das viradas de séculos e décadas, e a “permissão social” para participarem desses ambientes, em muitos casos, essas mulheres não enxergavam os estudos como uma possibilidade por diversos motivos, até mesmo por não entender o benefício que o ler e o escrever trariam às suas vidas.

Segundo o mais antigo dado disponibilizado pelo IBGE⁴, de 1978, a evasão escolar entre as mulheres sempre esteve à frente dos homens, 50,4%, 50,6%, 50,8%, acima dos 5, 10 e 15 anos de idade, respectivamente, e crescendo. Fato este, não somente comprovado pelas estatísticas, mas também retratado nas narrativas de nossas Marias. Ao enfrentarem trajetórias comuns de abandono, pobreza, violência doméstica, trabalho infantil precoce, com baixos salários, além da posição de submissão aos personagens masculinos aos seus redores, muitas mulheres acabam por se ausentar de ambientes escolares (LIMA, 2016).

De acordo com os dados disponibilizados no PNAD, em 2019, dentre as mulheres de 14 a 29 anos, os principais motivadores de suas evasões são o desinteresse pelo estudo (24,1%), a necessidade do trabalho (23,8%), os casos de gravidez (23,8%) e afazeres domésticos (11,5%), sendo este último, praticamente, inexpressivo nos dados masculinos. Hoje, a porcentagem referente a desistência pela distância da residência até a escola é baixa, 3,9%, o que não apaga as consequências dessa na infância de algumas de nossas mulheres cuja evasão se deu exatamente por esse motivo. Assim, relembramos uma fala de Paulo Freire (1997), que nos reforça o quanto questões externas afetam diretamente o desenvolvimento do aluno rumo à alfabetização.

É necessário, na verdade, reconhecer que o analfabetismo não é em si um freio original. Resulta de um freio anterior e passa a tornar-se freio, Ninguém é analfabeto por eleição, mas como consequência das condições objetivas em que se encontra (FREIRE, 1977 *apud* CORTESÃO, 2017).

Neste trabalho, não cabe discutir as políticas públicas acerca da inserção feminina nos ambientes escolares. O objetivo é refletir, a partir das narrativas de vida, quais foram os motivos e obstáculos que as impediram de entrar em uma sala de aula e sentarem de frente ao quadro de giz. Tanto é que na maioria dos casos, a memória do ambiente escolar é muito restrita ou inexistente por conta da falta de oportunidade que elas tiveram. Portanto, foi necessário, como pesquisadora, escolher falar sobre a narrativa de vida dessas mulheres como um todo, contextualizando a vida delas diante do não acesso à formação escolar. E assim, descobrir quais foram os caminhos que suas vidas traçaram a partir dali.

As nossas Marias nasceram entre as décadas de 40 e 60, quando o país registrava a marca de quase 60% de brasileiros analfabetos e as mulheres se posicionavam atrás dos

⁴ IBGE. População Escolarizável - Evasão Escolar. Pessoas de 5 anos e mais, por sexo e alfabetização, segundo grupos de idade. Estatísticas do século XX. 1978. Disponível em: <https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-palavra-chave/educacao/704-evasao>

homens nos *rankings* de alfabetização (IBGE, 2007). Com o crescimento econômico, expansão da oferta do ensino primário de qualidade e programas de educação de jovens e adultos a partir de 1950, houve uma queda dessa taxa. Contudo, em 1980, o Brasil foi recordista mundial em desigualdade social, cenário esse que vai contra qualquer sucesso em alfabetização (HADDAD, 1998).

Logo, em uma infância em que a realidade era a pobreza, apresentamos nossas sete Marias, utilizando seus nomes verdadeiros⁵ e relatos baseados em suas próprias vivências, que entraram nas estatísticas da evasão e inconclusão do ensino fundamental. Lelia, Maria das Graças e Vanda não concluíram seus estudos pois precisavam trabalhar, ainda crianças, para ajudar na roça, o único sustento de suas famílias. Maria Lucia, por exemplo, nem chegou a entrar numa sala de aula já que precisava cuidar de seus pais acamados. Teresinha e Alzira foram impossibilitadas de continuar a estudar pois em suas cidades, as escolas não ofereciam turmas para além do 5º ano. Já Luiza também nunca foi à escola durante a infância, mas ao contrário de Maria Lucia, isso se deve ao fato de que ao longo de sua idade escolar ideal, que aconteceu aproximadamente por volta dos anos 60 e 80, acreditavam que era uma “bobagem” mulheres estudarem.

Segundo Moraes e Scwengber (2017), foi somente a partir dos anos 80 que as mulheres começaram a romper com o ciclo imposto por suas linhagens, em que a mulher era somente destinada aos cuidados do lar e do marido. Naquele momento, ainda que casadas, as mulheres poderiam optar pelo estudo e trabalho, caso desejassem. A partir de então passamos a construir uma geração de mulheres independentes e que, por exemplo, no caso de Luiza, já na terceira idade, orgulhosamente, ganhou seu diploma após frequentar as aulas para jovens e adultos.

É acompanhando as lutas de perto, em busca da realização de sonhos, apesar de um passado de muita dor, de uma dessas mulheres que esse trabalho começou a dar seus primeiros passos. Dona Vanda é uma senhora de 81 anos que carrega dolorosamente em seu peito o peso de ser analfabeta. Mas além disso, ela também é a minha avó que ajudou a me criar enquanto meus pais trabalhavam. Com um laço extremamente forte, tive como inspiração feminina uma mulher, que em meio às suas próprias dificuldades, não se limitou

⁵ A escolha por utilizar os nomes verdadeiros das entrevistas foi após consentimento delas e a vontade em realmente contar sobre histórias verdadeiras em moldes mais próximos da realidade.

em me educar e fornecer todo o suporte emocional necessário para o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

É por isso que hoje, apresento a vocês, o memorial que acompanha o livro “*Astromélias de Marias: Narrativas de Vida de Mulheres Brasileiras*”, um conjunto de perfis de sete mulheres, cujas histórias de vida se entrecruzam dentro de um contexto de pouco ou inexistente acesso à uma educação de qualidade, uma vez que é impossível dissociar essa fase às demais. Para chegar a essas personagens e às suas histórias foi preciso redesenhar todo o percurso metodológico, conforme apresentaremos mais adiante.

Todos os relatos descritos neste livro são de responsabilidade das próprias entrevistadas que em um espaço de muita honestidade decidiram compartilhar suas memórias mais duras e sensíveis para que toda e qualquer pessoa tivesse acesso e pudesse conhecê-las em sua verdadeira essência. Logo, o teor dessas declarações não são de autoria da autora ou da orientadora.

Ao longo deste, abordaremos como marco teóricos a própria Narrativa de Vida dentro do contexto do jornalismo, a partir de discussões de Luiza Gonzaga Motta, Liliana Cabral Bastos, Cremilda Medina, entre outros. Ao escolher o jornalismo literário como melhor gênero escolhido para tratar sobre essas narrativas, trazemos estudos de Mônica Martinez, Felipe Pena, Edvaldo Pereira Lima e Igor Waltz, esse último pelas suas influências a partir de um “jornalismo sentado”. São diversos pesquisadores de campos de pesquisas diferentes, mas que juntos, nos ajudaram e foram essenciais para compreender o todo teoricamente.

Um dos pontos de destaque deste memorial é o processo metodológico aplicado que passou por algumas mudanças ao longo de sua produção. Iniciado em 2019 e finalizado dois anos depois, a execução deste livro cruzou-se com um contexto de pandemia do Coronavírus⁶, o que dificultou e nos desafiou a encontrar diferentes formas de colocar em prática um jornalismo mais humanizado, vivo e único, como proposto pelo projeto jornalismo literário, junto de nossas Marias.

⁶ Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo vírus SARS-CoV2, com potencialidade grave e de alta transmissão e distribuição global. Os primeiros casos foram descobertos em Wuhan, cidade chinesa na província de Hubei, em dezembro de 2019. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde já havia decretado pandemia do “novo coronavírus”. Até a finalização deste memorial, em outubro de 2021, quase 5 milhões de pessoas, espalhadas pelo mundo, já haviam falecido vítimas da doença. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> e <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>

Por fim, trazemos uma pequena introdução de cada uma das histórias apresentadas em “*Astromélias de Marias*”, acompanhada de um relato pessoal da experiência de entrevistar cada uma delas. As sensações, as trocas, o contexto e tudo aquilo que se mostrou como vivências únicas compartilhadas com cada uma delas a partir das entrevistas realizadas em formato virtual.

Assim como preconizado por Paul Ricoeur (1994, p. 119), “*Contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas.*” Logo, por meio desse projeto, em meio a tantas memórias e palavras misturadas, buscarei registrar e ir contra a efemeridade da vida, permitindo que as histórias aqui contadas possam ser lidas e ouvidas pela eternidade conquistada nas páginas físicas e virtuais do livro.

2. NARRATIVAS, NARRATIVAS DE VIDA E O JORNALISMO

Consigo me lembrar com perfeição uma das diversas vezes, sentada na cama dos meus pais, por volta dos meus oito anos de idade, que mostrei para minha mãe mais uma história que havia escrito. Com ajuda do papel colorido de fichario da “Jolie” e de um simples lápis, colocava em palavras tudo aquilo que via, ouvia e imaginava, uma junção da realidade e da imaginação em torno de uma criança.

Por mais fictícias que aquelas histórias tenham sido, foram minhas primeiras experiências com o narrar de uma história e de uma vida, seja ela do vizinho da esquina, do meu cachorro Bob ou das personagens que criava em minha mente. O ato de contar histórias estimula a imaginação daquele que relata, daquele que ouve e daquele que escreve. As narrativas permitem que possamos englobar a subjetividade, ações e circunstâncias de atos de nossos personagens, sejam eles reais ou imaginários (MOTTA, 2004).

De acordo com os estudos de Motta (2004), ao apresentarmos a narrativa com o maior número de informações e detalhes, visamos ir além da imaginação, no sentido de tentarmos recriá-la em nossa mente. Buscamos, por meio da descrição dos fatos, naturalizar a sensação do real, ou seja, permitir ao ouvinte “visualizar” o ocorrido a ponto de sentir a vivacidade daquela história. No jornalismo tradicional, a narrativa descritiva é a mais presente, uma vez que visa transmitir o fato de maneira clara e direta, trazendo o efeito do real e não do fictício.

Além disso, quando processamos o ato de narrar, possibilitamos a reflexão sobre acontecimentos armazenados em nossa memória⁷ e que são acessados ao transmitir qualquer que seja a história desejada. O entrevistado passa a contar sobre um fato acontecido no passado, mergulhando em suas memórias e refletindo sobre suas ações e falas ditas, a partir de todo o aprendizado e conhecimento adquirido em seu "ser" de "hoje". Assim, ele pode selecionar os recortes que acredita serem válidos de lembrar e reviver no presente, configurando-se como a mais pura verdade (VASCONCELOS; OLIVEIRA; 2019).

⁷ Para Ricouer (2007) *apud* Aroucha e Santos (2019), a memória possui três traços fundamentais e paradoxais: presença, ausência e anterioridade. Ou seja, é uma imagem-recordação que está presente no espírito como alguma coisa que já não está lá, mas esteve um dia, no passado, e permanece na lembrança do indivíduo que a viveu. Além disso, a memória pode inserir informações e detalhes que, na verdade, não estavam lá, podendo influenciar diretamente como enxergamos o passado a partir da visão de um novo “eu”.

Dessa forma, podemos compreender a narrativa não somente como uma representação oral ou escrita do que um dia aconteceu, mas sim como uma construção social em que os filtros afetivos guiam as nossas lembranças. Os detalhes e subjetividades da transmissão da narrativa são contadas a partir de uma ordem sociocultural muito mais ampla do que aquele momento em específico (BASTOS, 2004).

Ao utilizarmos mecanismos da oralidade ou da escrita, promovemos o registro de nossas vivências e a partir desses refletimos a respeito de si, do outro, da vida e da história da coletividade. Por isso, que dentro do vasto campo que é narrativas, centramos especificamente em narrativas de vida, por se configurarem como importantes objetos de estudos para pesquisas na área de ciências humanas e sociais, uma vez que vão muito além de uma simples exposição de série de eventos (AROUCHA, C; SANTOS, L; 2019).

As narrativas de vida promovem espaços para recriação e transmissão de uma cultura, compreendendo processos ocorridos numa sociedade individual e coletivamente. Cartas, lembranças, baús de memórias, fotografias e tantos outros objetos que são passados de geração em geração servem como recurso para manter as histórias vivas em meio ao tempo-espaço (BRAGANÇA, 2012).

Para Bertaux (1997), a narrativa de vida está fundada principalmente na forma oral, fruto do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, tendo como foco da pesquisa as vivências daquele personagem dentro de um recorte em específico. Esse recorte funciona como um filtro, em que priorizamos partes dos diversos fragmentos que compõem a vida de alguém, para assim utilizarmos como objeto de nosso estudo (BERTAUX, 1997 *apud* BRAGANÇA, 2012).

É por isso, que nesta pesquisa, partimos de relatos dentro de recortes educacionais, mas fomos muito além. Explorando seus contextos familiares, casamento, trabalho e lazer, entrecruzamos vivências que nos ajudam a expressar e visibilizar os questionamentos acerca do analfabetismo feminino, por meio do próprio relato de vida de mulheres que vivenciaram esse contexto.

Como repórter-autor, não visamos questionar a veracidade das vivências relatadas pelas personagens, e sim, estabelecer o vínculo necessário para que a confiança fosse gerada e pudéssemos construir uma relação de muita honestidade, prática esta vivenciada com precisão

na produção das entrevistas que compuseram o “*Astromélias de Marias*”. Somente assim, como repórter e narradora do livro, pude me sentir confortável em utilizar das falas ouvidas, organizando as memórias das personagens e seus relatos caóticos no intuito de construir uma narrativa minimamente estável (VASCONCELOS; OLIVEIRA; 2019).

Contudo, segundo Medina (2003), a narrativa vem como resposta humana diante do caos. Com suas infinitas capacidades de performar a narração do mundo, a inteligência humana responsabiliza-se pela organização dos caos no cosmos. Assim, procuramos traduzir a realidade que vivemos e observamos, transmitindo uma versão simbólica desta, uma vez que possuímos a necessidade de se expressar em meio a instabilidade da vida.

Bastos (2004) traz a discussão de manifestação de identidade preconizada por Bourdieu (1986), em que estamos condenados a buscar a organização de nossas ideias nas transmissões de nossas mensagens. Por consequente, tendemos a contar histórias, por vezes, de forma cronológica ou totalmente mal construídas.

Bourdieu ([1986] 2001) nos fala de como, nas entrevistas de histórias de vida, essa vida é organizada para o investigador como uma história, segundo uma ordem lógica e cronológica. Tendemos a compreender a série de manifestações sucessivas de nossas identidades como uma constância, como uma unidade, “à maneira de uma história bem construída (BASTOS, p. 122, 2004)

Entretanto, é válido lembrar que o próprio Bourdieu (2001) nos fala a respeito dessa ilusão de construção narrativa linear. A vida humana está longe de ser uma linha reta e baseada na cronologia do tempo, uma vez que ela se estabelece como uma sucessão de crises, momentos imprevisíveis e uma instabilidade infinita. Enxergamos na vida como um emaranhado de acontecimentos que se conectam e interferem.

E é exatamente pelo fator de influência de acontecimentos, dentro de um emaranhado confuso, nada linear e instável, que enxergamos a narrativa de vida como uma excelente ferramenta para percepção de como acontecimentos de um passado, muitas vezes, distante de nossas mulheres, dentro do recorte estudantil, continua por influenciar no hoje; permitindo que o presente e o futuro estejam em constante contato com um passado próximo ou distante. A vida está lon

Entendemos a narrativa de vida e a sua promoção como objeto de estudo não somente para entretenimento e promoção de um relato. O ato de contar histórias possui um poder extremamente forte de persuasão naqueles que recebem a mensagem. Assim como nos

estudos de análise do discurso, concordamos que nenhum ato de linguagem é aleatório, pelo contrário, tudo possui um objetivo comunicativo de extrema importância (MACHADO, 2015).

No caso das narrativas, incluindo as narrativas de vida que trazemos por meio deste produto, buscamos influenciar todos os sujeitos-receptores da mensagem, seja na maneira de pensar, agir ou levar o questionamento e a inquietação a esses indivíduos pensantes. É por meio do relato da individualidade de alguém que podemos tirar ensinamentos e fatores que contribuem para lidar com as nossas próprias limitações e dilemas internos.

Por mais que a narrativa esteja mais atrelada a literatura, com a ascensão do *New Journalism*⁸, cada vez mais pôde-se perceber o quanto o jornalismo se inspira na primeira. O processo representativo de narrar busca relatar uma série de eventos de maneira cronológica estimulando a imaginação do leitor-ouvinte, sendo este bastante utilizado pelos discursos literários. Já para o jornalismo, utiliza-se, majoritariamente, de elementos descritivos a fim de naturalizar o discurso e proporcionar a sensação de realidade a partir da quantidade de informações e detalhes de maneira clara e direta (MOTTA, 2004).

Contudo, hoje, entendemos que o jornalista não precisa restringir a descrição de fatos somente. Ele pode sim se debruçar sobre o narrar e o contar de histórias reais, indo além do mero ato de informar. Partindo das discussões de Motta (2004), podemos compreender que ao narrar, induzimos o leitor a participar como espectador dos eventos relatados, a ponto de evocar sentimentos e sensações de que ele realmente esteve presente na cena narrada.

Assim, o jornalismo consegue, por meio das narrativas de vida, por exemplo, narrar e tratar o presente como uma história imediata, merecedora de ser contada e vivenciada de maneira indireta pelos seus leitores, ouvintes e/ou telespectadores. Queremos incentivar e despertar o interesse pela problemática aqui apresentada: um passado ainda vivo no presente daqueles que vivem. O não saber ler pode até ser considerado um fato distante de nossas personagens, um obstáculo enfrentado ao longo da infância, mas por meio do relato de suas

⁸ O *New Journalism* foi o termo criado pelo jornalista estadunidense Truman Capote em meados da década de 50 e 60, quando começou a unir técnicas literárias, com enfoques líricos e imaginativos, às pautas da realidade da notícia. Assim, permitiu-se que o jornalista estivesse presente na realidade narrada, sem alterar sua veracidade, explorando a sensibilidade da transmissão da notícia e dando vida ao repórter-escritor. O *new journalism* é conhecido, principalmente, além do nome de seu precursor, por Tom Wolfe e Gay Talese. (ABREU, [19--])

vivências, refletiremos e sentiremos sua ainda existência e impacto no presente, na fase adulta.

3. JORNALISMO LITERÁRIO

Praticar o jornalismo é observar a sociedade ao seu redor, perceber e fomentar a relevância dos fenômenos e acontecimentos que ali o cerca. Aceitamos assim o papel de mediadores sociais⁹ daquele grupo, reforçando o compromisso em apurar, investigar e informar com clareza e veracidade os fatos de interesse público, incluindo discussões que não são percebidas como importantes a este.

Repleto de barreiras delimitadoras que buscam moldar a forma e escrita dos conteúdos jornalísticos, encontramos no gênero literário a chave para a flexibilidade dentro de um campo muitas vezes engessados pelos elementos básicos do próprio jornalismo informativo, como a estrutura do lead, da pirâmide invertida¹⁰ e os *deadlines* curtos.

Potencializando os recursos do jornalismo tradicional, o jornalismo literário busca por um aprofundamento na cobertura da realidade, permitindo ao repórter imergir em um determinado contexto, o que dificilmente acontece quando se enfrenta periodicidades curtas, oriundas da intensa rotina nas redações jornalísticas e midiáticas, que acabam por exigir entregas cada vez mais rápidas e quase que instantâneas. Por meio de sua voz e experiência, o jornalismo literário trabalha a respeito de um tema com mais precisão de dados e informação, expressando-se com um estilo mais humanizado e próximo da literatura (LIMA, 2004).

A aproximação do jornalismo e da literatura é de longa data, desde os primórdios da história do jornalismo. Segundo a classificação das fases do jornalismo proposta por Ciro Marcondes Filho (2000), a literatura esteve presente, principalmente, já nas duas primeiras fases; sem levar em conta a pré-história, onde os materiais jornalísticos eram produzidos em forma semelhante a um livro, artesanalmente.

⁹ No exercício do jornalismo, Cremilda Medina (p. 34, 2003) elege a prática do repórter como um mediador social dos discursos da atualidade.

¹⁰ Técnica editorial, presente na grande maioria dos manuais de redação, que surgiu em meio à Guerra da Secessão dos Estados Unidos, em 1861, quando editores dos jornais passaram por privilegiar as informações mais importantes logo no início de suas produções. Assim, utilizando-se do lead (O que? Quem? Onde? Quando? Como? Por que?), as informações eram dispostas de maneira decrescente, facilitando a compreensão do fato ao longo da leitura.

As duas primeiras fases se dão de 1789 a 1830 e de 1830 a 1900. A primeira foi caracterizada pelo conteúdo propriamente dito literário e político, comandado por escritores, políticos e intelectuais. Já a segunda, marcando o início da profissionalização dos jornalistas e o surgimento da imprensa de massa, carregando as influências literárias da fase anterior e consolidando uma economia jornalística com a inserção da publicidade (REIS, 2018).

Ainda assim, mesmo tendo suas influências presentes há mais de séculos, o jornalismo literário ainda é uma área em construção, cuja grande riqueza é poder ser um espaço de pluralidade de vozes, não se contentando aos moldes das investigações jornalísticas comuns (MARTINEZ, 2017). Ademais, percebemos que conceituar o jornalismo literário não é uma tarefa fácil, principalmente, por ele se configurar como um gênero muito mais amplo do que a fuga das amarras da redação.

Por isso, Pena (2006) propõe o conceito da “estrela de sete pontas” para tentar compreender os objetivos e os sete diferentes itens imprescindíveis que juntos possibilitam a existência de um conjunto harmônico e característico do jornalismo literário. Como de praxe, a primeira ponta é da potencialização dos recursos do jornalismo tradicional. Aqui, de forma alguma, busca-se renegar as técnicas e evoluções do jornalismo diário. Pelo contrário, busca-se utilizar dessas técnicas de maneira a desenvolvê-las sem esquecer dos princípios da redação: “apuração rigorosa, observação atenta, abordagem ética e capacidade de se expressar claramente” (PENA, 2006, p. 49).

A segunda ponta é o rompimento das duas características básicas do jornalismo: periodicidade e atualidade. Ao ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, tiramos as algemas do *deadline* que aprisiona e limita a produção de uma reportagem mais densa e aprofundada (PENA, 2006). A importância dessa relação de tempo e profundidade é inclusive concluída por Sara Reis (2018), a partir de entrevistas com repórteres da Revista Piauí.

[...]jornalismo literário, como todo tipo de jornalismo e quem sabe um pouco mais, depende muito do tempo, as apurações não poderiam ser feitas nem no maior tempo que um jornalista de um jornal diário conseguiria obter, que seriam algumas poucas semanas. As apurações levam meses, sendo a menor delas feita em um mês. [...] Percebemos que quanto maior o tempo usado para a produção, maior é a profundidade da matéria. (REIS, p. 31-32, 2018)

Essa ponta se relaciona diretamente com a terceira que se diz a respeito de uma visão ampla da realidade. Ao se libertar das amarras tradicionais, o jornalista consegue

contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, mastigando-as, relacionando-as e as comparando (PENA, 2006).

É dever do jornalista exercer o compromisso com a sociedade, ainda assim, Pena (2006, p.7) coloca este como a quarta ponta de sua estrela. Ao escolher um tema, o jornalista “deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum e para a solidariedade.” Assim, por que o tema “analfabetismo e baixa escolaridade feminina” pode contribuir para discussões e mudanças sociais? Respondemos essas perguntas ao longo deste memorial e do livro, propriamente dito.

Já a quinta ponta de Pena (2006) permanece por se libertar das práticas tradicionais, rompendo as correntes do *lead*. Inventado por jornalistas americanos no século XX, foi e continua sendo utilizado como uma estratégia narrativa para garantir objetividade à matéria logo no primeiro parágrafo, otimizando tempo e espaço, facilitando a leitura e sintetizando o conteúdo. Mas é claro que essa objetividade em massa limita a criatividade, a elegância e o estilo, estes encontrados no jornalismo literário (PENA, 2006).

A sexta ponta é a de evitar os definidores primários, ou seja, as fontes oficiais e já legitimadas no círculo vicioso de produção da notícia, como políticos, profissionais dos altos cargos, etc (PENA, 2006). No jornalismo literário, cria-se alternativas para ouvir as fontes anônimas, ou anáforas, que não são conhecidas pelo público e geralmente, têm suas vozes silenciadas e/ou não representadas.

A última ponta que forma a estrela é a da perenidade. Ao produzir um conteúdo jornalístico-literário, busca-se fugir da efemeridade e da superficialidade da produção tradicional. Aqui o objetivo é da permanência, seja por meio de um livro ou de uma matéria única, para que a discussão e os questionamentos propostos passem de geração em geração, fiquem na “boca do povo” e influenciem o imaginário coletivo e individual dos leitores (PENA, 2006).

E vencer a efemeridade da notícia não é preciso desbancar grandes manchetes, muito menos sensacionalistas. O jornalismo literário possui sim sua liberdade temática, abordando e valorizando acontecimentos rotineiros, que, a primeiro momento, não seriam “vistos” pelo jornalismo tradicional em meio às suas amarras (MARTINEZ, 2009).

De fato, o atraso da promoção e prática do jornalismo literário em nosso país explica o porquê ele se configura como um gênero ainda em construção: fruto do atraso da implantação do jornalismo como um todo na, então, colônia portuguesa, sendo uma realidade somente em 1808 (MARTINEZ, 2017). E assim, como discutimos anteriormente sobre a instabilidade da vida, o jornalismo literário permanece em um processo de transformações, sem deixar de ser um espaço para pluralidade de vozes e sem se prender ao jornalismo comum.

Seja como “jornalismo narrativo” ou “literatura da realidade”, segundo as correntes norte-americanas, ou “literatura criativa de não-ficção” na América Latina, e até mesmo, “longform journalism” nos mais recentes ambientes digitais (MARTINEZ, 2017), as potencialidades do jornalismo literário são imensas e segundo Martinez (2014, p. 66) “ultrapassa a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender e, finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os nexos e as conexões existentes no acontecimento”.

É válido ressaltar que esse formato de jornalismo, no gênero literário atrelado a perspectiva de narrativas de vida, requer uma dimensão de tempo e aprofundamento maior do que é viável nas rotinas de produção do jornalismo cotidiano. Fato este evidenciado, sobretudo, nos meios tradicionais que demandam a execução de várias reportagens numa mesma jornada de trabalho diária. Logo, nem sempre o pouco investimento em jornalismo literário, com suas liberdades, profundidade e humanização, é por uma questão de opção, e sim, também por falta de alternativa na realidade da redação jornalística.

3.1. Livro-reportagem perfil:

Com o estilo livre e sempre único do jornalismo literário, pôde-se ver uma ascensão dos gêneros informativos (entrevistas) e opinativos (colunas) inspirados pela escrita literária e ritmo narrativo. Logo, uma nova porta se abre para o surgimento do livro-reportagem: “um veículo de comunicação jornalística que desempenha um papel específico de discutir e informar de forma mais ampliada sobre os fatos e acontecimentos de relevância social” (LIMA, 2004, p.1), muitas vezes, preenchendo o vazio deixado pelo jornal, revista, rádio e televisão e abarcando uma variedade temática expressiva.

O livro-reportagem nasce como um objeto da prática do jornalismo literário e Lima (2004) complementa que este configura-se como um veículo multidisciplinar de comunicação:

[...] o livro- reportagem de grande envergadura é potencialmente um veículo multidisciplinar de comunicação capaz de integrar elementos do jornalismo, da literatura, da antropologia, da sociologia, da história, da psicologia. Acima de tudo, porém, o bom livro-reportagem é simplesmente um excelente meio de narrar histórias e registrar a história desafiadora do nosso tempo. (LIMA, p. XVI-XV, 2004)

Dentre as inspirações proporcionadas pela literatura, podemos citar a utilização da função conotativa da linguagem, onde a literatura empresta suas palavras figuradas a fim de expandir o sentido de um texto comum jornalístico. Utilizando a criatividade e a sensibilidade, o repórter passa a narrar os acontecimentos de forma mais poética, enriquecendo seu relato e revelando suas vivências mais profundas (MEDINA, 1996).

Segundo Lima (2004, p. XIV), o “livro-reportagem é parte do mundo do jornalismo, mas possui sua própria autonomia”, ampliando sua função social de informar e orientar, possibilitando experimentações impraticáveis no jornalismo tradicional. Ele abrange o passado, o presente e os potenciais conflitos do futuro, graças a sua vasta perspectiva de mundo, evidenciando suas facetas concretas, objetivas e subjetivas.

O livro-reportagem ultrapassa os bloqueios do jornalismo cotidiano e proporciona um conhecimento qualitativo dos dilemas do tempo, debruçando-se e mergulhando em fatos antes só observados do raso. De forma alguma, também, Lima (2004) explora essa modalidade como algo que atinge sua total capacidade e conquistas. Ainda há um longo caminho, já em andamento, em que profissionais buscam alcançar o extraordinário e o libertador em meio a flexibilidade da junção do jornalismo e da literatura.

Logo, percebe-se como a liberdade está presente em grande parte do processo de produção deste estilo jornalístico, compreendemos a vasta e numerosa possibilidades de caminhos temáticos, angulares, temporais, propositais e quais fontes poderão ser encontradas em meio a essa apuração.¹¹

Além disso, Lima (2004) nos apresenta uma variedade de classificações que um livro-reportagem pode traçar em meio a sua produção, dependendo do que a sua função e

¹¹ Conjunto de liberdades que flexibilizam o jornalismo literário, citado por Edvaldo Pereira Lima em seu livro “*Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*”.

linha temática exigem, e claro, baseando-se no objetivo e natureza da obra. São elas: livro-reportagem-perfil; depoimento; retrato; ciência; ambiente; história; nova consciência; instantâneo; atualidade; antologia; denúncia; ensaio e viagem.

Para o presente trabalho, foi escolhido o livro-reportagem-perfil, por evidenciar e se adequar a temática proposta no desenvolvimento do produto. A humanização do jornalismo proporcionada pelo gênero literário garante um aprofundamento mais intensivo e ainda assim, com muito cuidado e delicadeza no relato. Atrelado a isso, visa possibilitar ao leitor aumentar seu conhecimento qualitativamente a respeito do tema, expondo as mais diversas causas, consequências, efeitos, desdobramentos e discussões (LIMA, 2004).

Segundo a classificação de Lima (2004), o livro-reportagem-perfil, também associado a uma biografia¹² mais curta, possui o objetivo de contar a história, e/ou parte dela, de uma pessoa pública ou anônima que por algum motivo torna-se interessante e relevante socialmente.

Quando os personagens são anônimos, o caso de nossas personagens, a relevância parte de suas características e circunstâncias da vida, o analfabetismo e a baixa escolaridade. Logo, por meio de seu relato e trajetória de vida poderão representar um todo, um grupo social, mulheres analfabetas e/ou com baixa escolaridade, devido ao pouco ou inexistente acesso à educação em sua fase de crescimento e formação.

Em uma obra com o estilo de perfil, busca-se evidenciar a humanização na produção de uma reportagem, onde o foco central é o personagem ali retratado. Por isso, acaba por se tornar um formato jornalístico adequado para entendermos a sensibilidade e a emoção presente na vida cotidiana, apresentado pela personagem, sem fugir da proposta e estilo do próprio jornalismo, apurar e informar os fatos em relevância na sociedade.

Contudo, ao contrário das biografias, o perfil se firma como uma narrativa sucinta sobre trechos da vida de um personagem onde não é importante relembra-la por completo. Além disso, o que importa é o instante, como o perfilado enxerga sua vida a partir do momento em que é entrevistado (SILVA, A. 2010).

¹² Biografia é um gênero textual responsável por narrar a história de vida de uma pessoa, geralmente personalidades da ciência, política, cultura e esporte.

Segundo Vilas Boas (2003), os perfis cumprem um importante papel na geração de empatias. Para ele, empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a se colocar nos pés do outro e sentir o que ele sentiu, como se, de fato, estivesse à mercê das mesmas circunstâncias do personagem exposto no perfilado. Assim, tendo o personagem em posição central na construção da narrativa, constrói-se um texto em que sua vivência, trajetória, desafios, erros e acertos servirão de inspiração e geração de empatia para o leitor.

Queremos proporcionar aos leitores “uma viagem de valores, às realidades de outros seres e corpos”, indo ao encontro de traços que são universais à humanidade (LIMA, p. 144, 2004). Por meio do livro-reportagem, Lima (2004) sugere ao público que se perceba para além do seu universo individual e particular, posicionando-se e se enxergando como membro de um universo coletivo. Ao ler as experiências do outro, o leitor se deixa afetar pelas emoções e corresponder às afecções, sentimentos, que vibram pelos seus corpos (MARTINEZ, 2019).

3.2. Jornalismo literário e as influências do “jornalismo sentado”

Como um meio de catalogar o jornalismo literário, o pesquisador norte-americano Mark Kramer (1995, *apud* MARTINEZ, 2009) propõe uma série de características que permitem ao gênero a produção de textos ainda mais ricos e emocionantes. São elas: imersão, apuração precisa, relacionamento de muita honestidade, liberdade temática, voz autoral, estilo e criação de sentido.

Ao imergir na realidade do entrevistado, o repórter autor busca o mais alto nível de exatidão e familiaridade com a temática, acompanhando e encontrando a sensibilidade escondida no cenário. Em “The Birth of ‘The New Journalism’: Eyewitness report by Tom Wolfe”¹³, o consagrado jornalista norte-americano, um dos precursores do “novo jornalismo”, relata o quanto a “nova maneira” de se fazer jornalismo era algo “mais intenso, mais detalhado e certamente, mais demorado” (WOLFE, 1972).

Nós desenvolvemos o hábito de estar com as pessoas sobre quem escrevíamos por dias ou até semanas, em alguns casos. Nós reunimos todo o material que o jornalista convencional estava atrás - e continuava. Parecia muito mais importante estar no local onde as cenas dramáticas aconteciam, coletar os diálogos, os gestos, as expressões faciais e os detalhes do ambiente. (WOLFE, 1972)

¹³ “O nascimento do ‘novo jornalismo’: um relato testemunha por Tom Wolfe” - tradução nossa.

Contudo, como vivemos em constantes mudanças, é claro que o jornalismo, como um todo, também passaria por transformações. Com a incorporação das tecnologias digitais, o “fazer jornalismo” é afetado por uma crescente sedentarização (WALTZ, 2015) que, em muitos casos, inviabiliza a produção de um jornalismo aprofundado, detalhado e demorado, como proposto no gênero literário, por exemplo.

Em um contexto de uma sociedade em redes, a produção jornalística da notícia sofreu um alto nível de pressão para agilidade, objetividade e rapidez. O profissional virou multi-tarefas com a redução do quadro de profissionais e a intensificação da pressão sobre suas produções, indo da pauta até a matéria final (WALTZ, 2015).

Para o sociólogo francês Neveu (2006, *apud* WALTZ, 2015), “ser jornalista” é relatar o campo, apurar a informação e dominar a arte da entrevista. Ou seja, vivenciar, estar presente, observar a sociedade ao redor, pois um suspiro pode ser uma nova pauta. Mas sabemos bem que a realidade é outra e com a ascensão das redes, a teoria do “jornalismo sentado”, proposta por Neveu, consolidou-se ainda mais.

O “jornalismo sentado”, ou *journalisme assis* em francês, é o conceito utilizado para “designar uma prática jornalística voltada ao tratamento de informações de caráter noticioso que não foram coletadas pelo profissional, em oposição, a um ‘jornalismo em pé’, dedicado ao contato direto com as fontes, por meio de reportagens e entrevistas” (WALTZ, 2015, p. 10).

A figura do repórter investigativo que se movimenta pela cidade, pelos “bastidores da notícia” em busca daquele furo de reportagem é cada vez mais escasso em uma realidade em que jornalistas ficam presos às redações (WALTZ, 2015), e por isso, segundo Bastos (2011, *apud* WALTZ, 2015, p. 11), esses profissionais “estariam passando por um processo de ‘alienação’, afastando-se das práticas e dos papéis desempenhados tradicionalmente”.

Se os jornalistas estão presos entre quatro paredes, fixados em telas de computador e esperando a notícia chegar a eles, como seria possível desenvolver e praticar um jornalismo literário imersivo? É neste ponto que gostaríamos de chegar e pensar em como o “enclausuramento” do profissional pode vir a dificultar e/ou, até mesmo, inviabilizar uma produção sensível, humana e realista.

A princípio, o produto oriundo deste trabalho teria como característica principal a imersão na realidade das personagens entrevistadas. Contudo, como discutiremos mais a frente¹⁴ e também já mencionado brevemente anteriormente, por fatores sanitários, éticos e como condição para evitar o contágio de Covid-19, foi-se necessário se restringir às tais quatro paredes das quais o jornalismo literário tanto tenta fugir.

Logo, gostaríamos de ressignificar o conceito de “jornalismo sentado” proposto por Neveu (2006, *apud* WALTZ, 2015). Neste novo contexto promovido pela pandemia da SARS-Cov 2, mais conhecido como coronavírus, jornalistas precisaram se reinventar, repensar suas atividades e como levar informação e notícia de qualidade, mesmo estando de *home office*, sem contato direto e presencial com suas fontes e colegas de trabalho.¹⁵ Segundo uma pesquisa nacional¹⁶, realizada pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), entre maio e junho de 2020, para verificar como a pandemia afetava esses profissionais, 75,2% dos 457 profissionais entrevistados estavam em *home office*.

Por mais que o jornalista permaneça “sentado” é preciso realizar suas funções almejando o mesmo, ou similar, conteúdo que seria produzido em uma realidade “em pé”. O repórter precisa continuar em busca de uma apuração precisa, reverberando sua voz e seu próprio estilo, ainda que os obstáculos sejam ainda maiores e presentes.

A princípio, acreditei que meu trabalho se reduziria a um jornalismo preso e distante. Mas por mais que estivesse sentada e longe de estar a frente, presencialmente, de minhas Marias, consegui me conectar com cada uma delas de forma viva e com muita energia, como se realmente estivéssemos no mesmo ambiente. Por isso, ainda que sentada, consegui andar, caminhar e correr enquanto ouvia as histórias contadas por elas.

Como diria Pena (2006), “a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer.” E para

¹⁴ As etapas de produção deste trabalho serão discutidas com mais detalhes no capítulo metodológico “4. O processo de produção”

¹⁵ MORIESSSEN, Claudia. Um ano de pandemia: jornalistas se reinventam com home office e novas tecnologias”. NSC Total. mar, 2021. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/um-ano-de-pandemia-jornalistas-se-reinventam-com-home-office-e-novas-tecnologias> Acesso em: 13 abr. 2021.

¹⁶ FRANCO, Adriana. Covid-19 entre jornalistas: Cresce pressão no trabalho; profissionais têm salário reduzido”. Federação Nacional dos Jornalistas. jun, 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/covid-19-entre-jornalistas-cresce-pressao-no-trabalho-profissionais-tem-salario-reduzido/> Acesso em: 13 abr. 2021

enfrentar o medo e o desconhecido é preciso superar os obstáculos impostos pelo contexto, inclusive as amarras do *home office* e do jornalismo sentado.

4. O PROCESSO DE PRODUÇÃO

A produção deste projeto passou por diversos momentos e fases. Idealizado primeiramente em meados de 2019, tinha diversas expectativas para quando realmente fosse colocado em prática no ano seguinte. Contudo, vivemos em um mundo completamente instável, cuja imprevisibilidade está mais presente do que a estabilidade que tanto almejamos quando idealizamos um projeto.

A princípio, produziria um livro-reportagem com histórias de vida de mulheres analfabetas residentes do município de Viçosa/MG. Procuraria as possíveis fontes via redes sociais, espaços acadêmicos, Programas da Terceira Idade, Núcleo de Educação de Adultos (UFV)¹⁷ e por onde mais essas mulheres pudessem me levar. O “levar” seria realmente no sentido literal da palavra, percorrendo cada canto dessa cidade, conhecendo essas mulheres, seus lares, sua família e tendo um contato olho no olho dessas, em sua maioria, idosas.

Com o pré-projeto, o ano de 2020 abriria as portas para a execução, a mão na massa e a produção de um sonho. Entretanto, a instabilidade da vida mais bateu na porta e a fechou do que a abriu. Em nenhum dos meus mais inusitados planos abrangiam produzir meu Trabalho de Conclusão de Curso em meio a uma pandemia. Na verdade, não sabia nem o que era viver uma pandemia. E claro, ela veio para balançar e desestruturar tudo aquilo que havia sido idealizado. Mas desistir nunca foi uma opção, foi preciso parar, respirar, pensar e reestruturar o projeto para que ele pudesse ser executado, mantendo meu principal objetivo: homenagear minha avó paterna enquanto faço o que mais amo, escrever.

¹⁷ Em 2019, quando realizei algumas entrevistas para o teste do que viria a ser nos anos seguintes um livro-reportagem, tive contato com o Núcleo de Educação de Adultos, onde são realizadas aulas para jovens e adultos, homens e mulheres. Após a primeira experiência e as mudanças impostas dentro do percurso metodológico, optou-se por um público de mulheres que não estivessem matriculadas em nenhum curso educacional. Logo, não se fez necessário retornar contato com nenhuma dessas mulheres, nem mesmo ao grupo, por entender que gostaria de encontrar mulheres que estivessem longe desses ambientes educacionais.

4.1. Pré-Produção:

Os primeiros passos para reestruturação aconteceram em meados de agosto de 2020, após o período de recesso acadêmico como medida para controle e prevenção da pandemia do Covid-19. Com o início das aulas remotas, retomei o projeto inicial, buscando revisar seu referencial, objetivos e metodologias. A revisão e reestruturação foram traçadas em meio às ideias, produções e caminhos já encaminhados desde a decisão do tema no ano anterior. Dentre os meses de setembro a dezembro deste ano, este memorial passou pelos primeiros passos de construção: delimitação e redação do marco teórico, metodologia e estruturação da introdução.

A seleção de fontes foi um passo extremamente importante nesta etapa, uma vez que se configurou como pontapé para a enfim produção nas ruas, saindo dos limites dos livros e da tela de um computador. A curva de casos de Covid no país demonstrava uma tendência de queda (G1, 2020), ao longo do mês de outubro, o que alimentava a expectativa de finalmente conseguir encontrar minhas fontes e entrevistá-las do jeito que sonhava, cara a cara.

A primeira fonte confirmada foi fruto de um das produções da disciplina de “Narrativas de Vida III - Jornalismo Literário” cursada no segundo semestre de 2019. Nosso contato presencial já havia ocorrido naquele ano, o que nos garantiu, logo de início, uma confiança mútua entre as partes. Confirmada sua participação nesse novo projeto, fui à procura de mais mulheres que se voluntariassem a conceder entrevistas sobre um tópico tão sensível e íntimo: suas próprias vidas.

Como princípio, buscamos por mulheres que representassem a mulher brasileira, ou seja, fossem o mais diversas possíveis a fim de abranger o maior número de realidades e contextos diferentes em uma mesma cidade. Medina (2003) reflete a respeito da importância de ir além das regras limitantes do jornalismo tradicional por meio do protagonismo anônimo nas produções:

Para que o cotidiano se presentifique é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia. É preciso superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio de protagonistas oficiais. Há uma demanda reprimida pela democratização das vozes que se fazem representar na mídia. Torna-se necessário mergulhar no protagonismo anônimo. Da objetividade esquemática e burocrática de uma notícia à complexa e surpreendente subjetividade dos que vivem aqueles acontecimentos (MEDINA, p. 93, 2003)

Logo, ao tratarmos de uma temática de vivência social, atrelada diretamente ao cotidiano de um grupo, tendemos a encontrar personagens que realmente possibilitem a discussão proposta, ainda que sejam desconhecidos para o grande público. Para encontrá-los, optamos por utilizar como ferramenta de busca as redes sociais, onde teríamos o maior público indireto¹⁸ possível, não se restringindo aos *networking* da vida acadêmica e pessoal.

Assim, publiquei em alguns grupos da região no Facebook, pretendendo naquele espaço encontrar o máximo de possíveis fontes para a primeira seleção:

“Bom dia! Como sempre, um estudante de comunicação vindo pedir ajuda para encontrar fontes para seus trabalhos acadêmicos. Meu nome é Jéssica, estou em processo de construção do meu TCC com a temática do analfabetismo feminino.

Mas e daí, Jéssica? O que você precisa? Preciso encontrar mulheres residentes de Viçosa e que se autodeclaram analfabetas, de qualquer idade. Por isso, peço ajuda de vocês. Conhece algum parente? Avó, mãe, tia? Uma vizinha? Uma amiga, que se autodeclaram analfabetas? Entre em contato comigo para que possamos juntos encontrar essas pessoas e discutir a problemática do analfabetismo ainda existente em nossa sociedade.

Junto dessas mulheres, construirei um livro (sim, bem o objeto que ilustra um obstáculo para as personagens) contendo relatos de sua vida acerca de sua infância, educação e tudo aquilo que veio a ser limitado ou superado com dificuldades devido o "não saber ler". Para segurança e mais conforto dessas mulheres, caso seja de sua vontade, seus nomes não serão revelados.

Agradeço desde já a colaboração de todos nessa busca por histórias de vida! [...]"

A partir destas publicações, consegui contato com duas fontes pontes, ou seja, eram conhecidos ou familiares do perfil de interesse. Deste método, para produção final, foi selecionada apenas uma fonte, com quem conversei via chamada de vídeo, junto de sua filha que intermediou a chamada via *WhatsApp*.

Esse processo de seleção estava sendo mais difícil do que havia imaginado. Procurar mulheres analfabetas em meio online era o lugar menos provável de encontrá-las e firmar qualquer tipo de confiança, sem nenhum terceiro em comum que pudesse fazer a intermediação entre pesquisador e entrevistado.

Foi nesse período de incerteza e extrema dificuldade, que o contexto de pandemia, ao invés de diminuir, como esperado, voltou a crescer sem previsão de parada. Logo, a prática da

¹⁸ Entendemos aqui como público indireto aqueles que poderão servir de ponte para encontrar as personagens alvos, mulheres analfabetas. Boa parcela dessas mulheres, devido às próprias limitações da leitura e escrita, não estão presentes no mundo digital. Por isso, tentamos encontrá-las via amigos e parentes que fossem usuários das redes sociais.

produção tornou-se cada vez mais inviável diante aos números devastadores de casos e mortes.

No dia 12 de março de 2021, em uma reunião com a orientadora Prof^a Kátia Fraga, decidimos que precisávamos reestruturar novamente o projeto, adaptando-o à nova realidade que enfrentávamos.

4.2. A reestruturação

Diante de questões éticas e sanitárias envolvendo a pandemia de Covid-19 no município de Viçosa e região, foi-se necessário uma readaptação do planejamento metodológico do projeto. Não seria viável colocar em prática um projeto que havia sido pensado para um contexto onde a pandemia já teria sido “controlada” e permitiria o contato físico com as fontes.

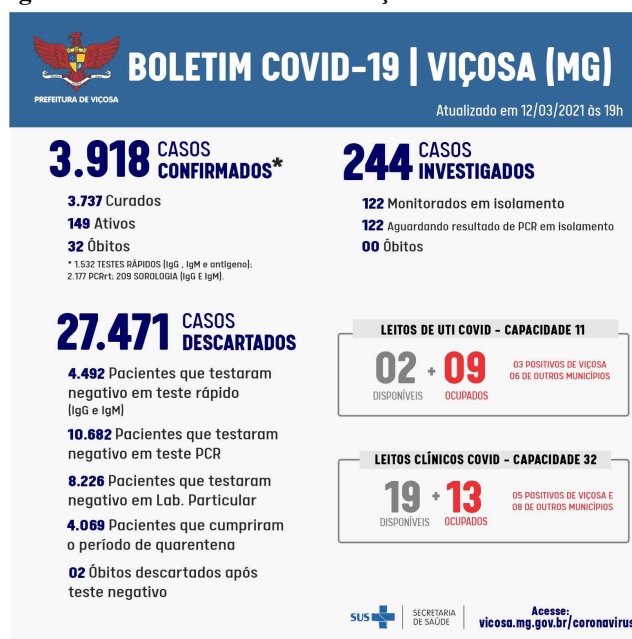
Com o aumento dos casos de Covid-19 em Viçosa/MG e região, intensificou-se as medidas de controle e prevenção da doença, além é claro de reforçar minha preocupação e a incerteza já existente desde o início da pandemia quanto aos meus planos para o projeto.

No mesmo dia em que a orientação ocorreu, 12 de março de 2021, Viçosa atingiu o número de 3918 casos confirmados, 46 a mais que no dia anterior, e 32 óbitos de Covid-19, segundo Boletim liberado pela Prefeitura do Município. A nível estadual, atingimos 20.087 mortes, 263 a mais que na última atualização disponibilizada pelos gráficos do *Google*¹⁹, com base nos dados da JHU CSSE COVID-19 Data²⁰. Minas Gerais ocupava naquele momento a 2^a posição dentre os estados com maior número de casos confirmados no país.

¹⁹ Disponível em: <https://g.co/kgs/x1fbXZ>

²⁰ Disponível em: <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>

Figura 1: Boletim Covid-19 em Viçosa/MG - 12/03/2021



Fonte: Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Viçosa²¹

Para tentar controlar a situação, diversas regiões do estado estabeleceram uma nova fase da pandemia²², a roxa, ainda mais grave que a vermelha. Viçosa/MG era pra ter entrado nesta mesma fase, mas segundo decretos liberados pela administração do município naquele dia, permaneceria na fase vermelha²³ do Minas Consciente. Poucas mudanças foram aplicadas, sendo uma delas, a proibição de idosos em comércios da cidade a partir das 12h. Medidas essas adotadas a fim de preservar a saúde da terceira idade. Então, quem sou eu para desrespeitar essas regras e colocar em risco minhas fontes realizando entrevistas presenciais? Os planos precisavam ser repensados com urgência.

Sendo obrigados a adotar o *home-office* e o ensino remoto, tivemos nossas rotinas alteradas da noite pro dia, mas ainda assim, com o passar do tempo nos adaptamos,

²¹ Disponível em:

https://www.vicosamg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Boletim_Coronavirus_356?cdLocal=2&arquivo={21445E86-B3D8-ADB4-A5C8-6C2BE68BE5BC}.pdf e <https://www.instagram.com/p/CMVfyR5FicR/>

²² ANDRADA, AMANDA. Microrregiões da Zona da Mata entram na Onda Roxa do 'Minas Consciente' a partir de sábado. G1 Zona da Mata. 12 mar. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2021/03/12/microrregioes-da-zona-da-mata-entram-na-onda-roxa-do-minas-consciente-a-partir-de-sabado.ghtml> Acesso em: 12 mar. 2021.

²³ Para maior controle da flexibilização durante a pandemia, os governos estabeleceram fases com suas respectivas recomendações e regras, onde a roxa seria a mais grave e a verde a mais leve. Na data discorrida acima, 12 de março de 2021, realmente, o município de Viçosa não adotou a onda, ou fase, roxa, permanecendo na vermelha, sua antecessora. Foi somente a partir do dia 17 de março de 2021, por meio do Decreto 5623.2021, que Viçosa entrou para a lista de municípios que seguiam o protocolo da fase roxa. Disponível em:

https://www.vicosamg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/DECRETO_5623_2021?cdLocal=5&arquivo={72DE515C-11E3-CA6C-24C6-3E2BEC862EBE}.pdf

principalmente ao marcarmos, oficialmente, um ano após o primeiro caso de Covid no país. Ainda assim, essa facilidade de acesso e comunicação via internet não é uma realidade para todos. A problemática do analfabetismo que eu busco tratar no meu projeto esbarra justamente com os obstáculos dessa realidade para minhas Marias.

Com muita dificuldade, como mencionado anteriormente, havia atingido o número de, apenas, três fontes que estariam dispostas a participar do projeto. Contudo, ao longo das últimas semanas, uma delas não havia retornado minhas tentativas de contato. Enquanto isso, as outras duas dependiam de terceiros, que não moram com elas, para acessarem meios de comunicação como chamadas de vídeo, que foi o método, por fim, encontrado na tentativa de adaptar as entrevistas presenciais para os moldes virtuais.

Logo, como conseguiria tratar de um tema tão sensível com mulheres já excluídas de diversos ambientes sociais, exatamente, naquele ambiente em que elas menos se sentem à vontade e confortáveis para se abrirem e contarem suas histórias de vida? Essa sensação de impotência despertou um sentimento de revolta e um desafio ainda maior, e um complemento à discussão do analfabetismo nos dias de hoje em meio à uma pandemia que mata todos os dias.

De forma alguma, iria colocar a minha saúde ou das minhas fontes e familiares em risco. A saúde, naquele momento, era muito mais importante do que a idealização de uma metodologia de contato. Por mais que os familiares das duas fontes, com quem consegui retorno, tenham autorizado o meu encontro presencial com elas, não poderia ir contra minha ética moral, não só como jornalista, mas também como cidadã que enxerga e reconhece o pânico que vivemos há mais de um ano. Por isso, que em comum acordo com a orientadora, decidimos expandir o recorte de duas formas: **geograficamente e no perfil-alvo das entrevistadas.**

À princípio, por facilidade de recorte e pesquisa, todas as fontes seriam residentes da cidade de Viçosa, onde moro, a fim de ser possível a prática das entrevistas presenciais, humanas e sensíveis. Além disso, as mulheres precisariam se autodeclarar analfabetas para se encaixarem no perfil almejado.

Contudo, para além da dificuldade de encontrar mulheres analfabetas e com suporte ao acesso à internet na cidade, tive uma troca de ideias bastante interessante com a mestre em

Agroecologia, Sophia Fernandino. Conheci a pesquisadora por meio das redes sociais quando soube da sua participação num coletivo que buscava arrecadar doações para compra de material de construção de um espaço de lazer e cultura comum para a Comunidade dos Nobres, da região rural de Viçosa.

Dentre as atividades que serão oferecidas nesse espaço, em construção, está a Alfabetização de Jovens e Adultos. Logo, pensei que nesse local conseguiria encontrar possíveis fontes com histórias para lá de interessantes para compor o livro-reportagem. Sophia fez sua pesquisa da dissertação de mestrado nesta mesma comunidade e conhecia a maioria das mulheres dali. Contudo, segundo os dados coletados por ela, todas as mulheres eram escolarizadas, ainda que em nível baixíssimos, sabiam ler e escrever.

O que nos levou a conversar sobre a possibilidade de expandir minha busca não somente por mulheres analfabetas, mas também por aquelas que já foram para escola, aprenderam parte do conteúdo esperado, mas ainda assim não concluíram os estudos, ou seja, possuem baixa escolaridade. Além de possibilitar uma gama maior de pessoas, retirar a obrigatoriedade da auto declaração de analfabeta permitiria me aproximar de mais mulheres que não assumem o título por vergonha e/ou preconceito de terceiros.

Abordar mulheres com baixa escolaridade, possibilitou encontrar personagens que, ainda com dificuldade, tinham certo conhecimento no uso de meios eletrônicos e puderam, assim, interagir comigo via chamadas de vídeo. Por mais que esses não fossem os planos iniciais, e nem de perto do idealizado, foi a forma que acabamos por encontrar para driblar as dificuldades da pesquisa acadêmica prática em meio a pandemia.

As entrevistas presenciais são, realmente, mais ricas. Poderia me aproximar das fontes com mais calma, delicadeza até firmar uma relação de maior confiança entre ambas as partes. Além disso, conseguiria captar muito mais a emoção, os sentimentos, os sentidos, e até mesmo o cheiro do ambiente em que estivéssemos compartilhando. Tudo isso são elementos subjetivos da produção que se perde no formato online ao inviabilizar a prática desta pesquisa.

Além da ética pessoal, o Conselho de Pesquisa e Extensão (CEPE) - UFV, por meio da Resolução nº 7²⁴, de 29 de julho de 2020, permitiu o oferecimento de disciplinas em formato remoto a fim de respeitar todas as medidas de controle da Covid-19. Enquanto isso, o Departamento de Comunicação Social recomendou que nenhuma prática externa fosse realizada durante esse período. Logo, burocraticamente, não poderia realizar qualquer entrevista presencial com as minhas fontes. Por isso, foi-se necessário aceitar as limitações do mundo virtual atrelado à temática educacional.

Como já havia conversado e pré-combinado com as fontes, mencionadas anteriormente, meu primeiro passo foi retornar contato com sua filha e neta, respectivamente, a fim de entender melhor a rotina dessas mulheres e saber se por acaso, existiria alguma pessoa já em contato com elas que facilitaria o contato virtual entre nós. Infelizmente, não consegui obter nenhum retorno de ambos, o que me levou novamente à estaca zero.

4.3. Procurando novas fontes

Com a expansão geográfica do meu recorte, pelo menos, uma esperança eu tinha já de imediato: a entrevista com a minha avó paterna, Vanda Conceição, que mora em Aracaju/SE. Nossa facilidade de contato permitiu entrevistas frequentes e com muito mais tranquilidade, fora que já havia a entrevistado em alguns momentos anteriores de maneira presencial.

Apesar de não precisar me restringir a fontes residentes de Viçosa, foi exatamente ali que consegui mais fontes, devido à expansão do perfil para também mulheres de baixa escolaridade. Foi ao cruzar com o Greens - Grupo de Estudos e Práticas sobre Envelhecimento, Nutrição e Saúde da Universidade Federal de Viçosa, coordenado pela Prof^a Andrea Ribeiro, que encontrei as pessoas ideais para me orientar nesse caminho de busca por fontes.

Com a ajuda da bolsista do projeto Joice Castro, obtive todo o suporte e orientação para entrar em contato com as mulheres que frequentavam o Programa Municipal da Terceira Idade, onde o grupo atua. Logo, elas tinham uma lista de dados desses idosos, incluindo a escolaridade das mulheres. A partir daí, encontrei quatro histórias de Marias: Alzira, Graça, Maria Lucia e Luiza.

²⁴ Disponível em: <http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/Resolu%C3%A7%C3%A3o-07-2020-CEPE-REVISADA-3-Per%C3%ADodo-Especial-Remoto-PER-revisada.pdf> Acesso em: 20 jul 2021.

Por Joice já manter um contato frequente com essas mulheres, no projeto de Escuta Solidária, permitiu que eu tivesse o apoio ideal para conseguir estruturar uma confiança ainda maior e mais rápida, facilitando totalmente o processo de fala e escuta.

Além dessas, por meio de amigos e familiares, conheci mais duas mulheres, também residentes de Viçosa/MG, Teresinha e Lelia. Esse segundo período de busca por fontes durou de março a maio/2021, concomitantemente, com a realização das entrevistas via chamada de vídeo no WhatsApp. Por fim, chegamos ao total de sete mulheres analfabetas e/ou com baixa escolaridade.

4.4. Produção:

Devido às complicações e entraves mencionados anteriormente, a produção deu-se início, propriamente dito, somente em meados de março de 2021, quando a seleção de fontes começou a tomar definição a partir da confirmação destas. Assim, a produção dividiu-se em duas etapas principais: as entrevistas virtuais com as personagens e a escrita das histórias ouvidas.

As duas etapas aconteceram, de certa forma, simultaneamente. Ao mesmo tempo que as entrevistas iam acontecendo, a transcrição parcial destas já era colocada em prática, a fim de otimizar o tempo e facilitar os contatos posteriores com as fontes. Desta forma, era possível perceber os pontos principais abordados pela fonte e quais ainda eram cabíveis de mais conversas e explicações.

As entrevistas findaram-se como a etapa mais importante e a mais difícil de ser realizada, devido aos impactos sociais e sanitários que rodeavam a pesquisa na época. Apesar dos imprevistos e mudanças ao longo do caminho, foi possível driblar as dificuldades da distância, da virtualização da entrevista e firmar um contato vivo, energizante e humano com cada uma das fontes.

A parte escrita foi um trabalho delicado, que levou tempo para absorver e estruturar a melhor maneira de contar a história de cada uma das mulheres. Entre sete vidas, um emaranhado de acontecimentos e memórias foram trazidas à tona, precisando assim, elencar o que e como contaríamos e transmitiríamos o devido valor e essência de cada uma delas.

4.4.1. Entrevista

A etapa de entrevistas foi aquela que mais sofreu impacto devido às readaptações do projeto. Ao optar por não realizar as entrevistas presenciais, pela segurança e saúde dos envolvidos, foi-se necessário recorrer às plataformas virtuais, como, por exemplo, *WhatsApp*.

Segundo o estudo “Idosos na Era Digital”²⁵ realizado pela ZAHG, empresa inovadora que alia a Inteligência de Dados, Estudo de Mercado, Comportamentos e Tendências, divulgado em setembro de 2020, cerca de 61% dos idosos acima de 60 anos utilizam smartphones. Dentre esses, um a cada dez idosos utilizam as redes sociais, seja para se comunicar com parentes e amigos, aprender novas atividades, comprar online, acompanhar notícias, jogar e até namorar.

No ranking de aplicativos, segundo a base de dados do *Think With Google*²⁶, também mencionados pelo relatório, o *WhatsApp* apareceu na segunda colocação da lista, pela primeira vez, atrás apenas do *Youtube*. Até então, o aplicativo de conversas havia liderado o ranking de adeptos por usuários acima dos 60.

Esses dados são novamente reforçados pelo levantamento da empresa de telefonia móvel TIM, mencionados no relatório “Os idosos, a pandemia e a inclusão digital”²⁷ da ZAHG. Segundo a operadora, 98% de seus clientes acima de 60 anos utilizam o aplicativo *WhatsApp*. E essa realmente é uma realidade encontrada entre as novas fontes. Dentre as sete mulheres entrevistadas, cinco possuíam seus próprios celulares com o aplicativo baixado. As outras duas utilizavam a ferramenta por meio de celulares de parentes e com sua ajuda. Assim, devido à praticidade e facilidade no acesso, optamos por realizar as chamadas de vídeo por meio dessa plataforma.

As entrevistas aconteceram no intervalo de 20 de março a 02 de maio de 2021, tendo em média, no mínimo, dois encontros virtuais com cada uma das fontes, com cerca de 1h30 de duração cada. Além desses, também trocamos diversas mensagens de voz, também no *WhatsApp*, antes e depois desse período. Dessa maneira, pude criar laços e estabelecer uma confiança ainda maior, como se fôssemos grandes amigas de longa data.

²⁵ Disponível em: <http://zahg.com.br/arquivos-ebooks/ebook3-idosos-na-era-digital.pdf> Acesso em: 06 abr. 2021.

²⁶ Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/>

²⁷ Disponível em: <http://zahg.com.br/arquivos-ebooks/ebook4-os-idosos-a-pandemia-e-a-inclusao-digital.pdf> Acesso em: 06 abr. 2021.

O afeto e o vínculo são as bases essenciais no jornalismo literário, tendo como a humanização um elemento importante para a prática dessa modalidade jornalística. Esses vínculos são firmados a partir de cada encontro, por meio de um processo que visa construir e atravessar pontes, unindo os dois lados, ou seja, repórter e entrevistado (MARTINEZ, 2019).

Por mais que acreditasse que, por conta da distância e da tela de um celular que me separaria de minhas Marias, teria dificuldades em estabelecer um contato verdadeiro, único e sincero, fui surpreendida por entrevistas calorosas, íntimas e com muitas gargalhadas, como se, de fato, estivessemos na mesa da cozinha tomando um café quentinho de frente para cada uma delas. Assim, relembro dos receios em acabar por praticar um “jornalismo sentado” e frio. Realmente, estive sentada em uma cadeira, mas com o celular em mãos e a confiança construída entre as partes, pude ir até elas e estar junto delas, ainda que de forma remota.

Além disso, é válido lembrar que dentro do jornalismo literário, por meio de sua proposta mais humanizada e individualizada, presta-se muito mais atenção ao uso da oralidade do que o jornalismo tradicional. Por isso, a importância de analisar, compreender e sentir como e quando as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e ações (MARTINEZ, 2009), principalmente, em um formato onde pouco se vê e pouco se sente.

Para Lima (p. 107, 2004), a entrevista é “uma forma de expressão por si só, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza”. Com a frieza dos meios virtuais, a impossibilidade de estar no mesmo ambiente físico, sentir os mesmos cheiros, observar os gestos do entrevistado, a observação dessas expressões foram reduzidas a recorte de um cenário abrangido pela câmera e microfone do celular.

Desta maneira, encontramos como alternativa adaptar uma prática diferente do “jornalismo sentado” ao método de pesquisa de entrevista narrativa, instrumento de investigação elaborado na Alemanha, na década de 80, por Fritz Schütze. Ele acreditava que os procedimentos qualitativos de pesquisa, então vigentes na época, não davam conta de representar, fidedignamente, os fenômenos sociais investigados, por conta da estrutura rígida imposta pelo instrumento tradicional de entrevista, que acabava por direcionar e induzir respostas dos entrevistados (RAVAGNOLI, 2018).

Assim, Ravagnoli (2018, p.1) defende que a principal característica da entrevista narrativa é a “não interferência do pesquisador, que desenvolve a entrevista sob a premissa de

oferecer total liberdade ao entrevistado para que ele conte suas próprias histórias”. Deste modo, compreendemos a realidade social das mulheres entrevistadas, primando pela legitimidade e verdade absoluta vinda de seus próprios relatos, chegando o mais próximo da realidade manifesta e vivenciada por elas.

Em nenhuma das entrevistas, foi preparado um roteiro pronto de perguntas. A conversa era conduzida inteiramente pela própria entrevistada a partir de uma única pergunta norteadora: "Quem é *fulana de tal*?", permitindo que cada uma das mulheres manifestassem suas histórias, seus acontecimentos a partir de seus próprios critérios de relevância e ordenação, atribuindo assim um cunho narrativo às entrevistas (RAVAGNOLI, 2018). Dessa forma, possibilita-se uma interação com a proposta de visibilizar narrativas de vida, discutida em capítulos anteriores.

Começando a entrevista desta maneira, encorajamos as entrevistadas a narrarem suas vivências e apontamentos da maneira mais espontânea e improvisada, sem qualquer pergunta pré-determinada e interferência do entrevistador. Por isso, expondo o tema da conversa de forma mais geral, garantimos uma liberdade de manifestação à medida que elas fossem se sentindo confortáveis e acreditassem que contar determinado relato era conveniente naquele momento.

Ainda que o pesquisador, no caso da entrevista narrativa, evite ao máximo interferir no andamento dos relatos, tudo funciona com base numa relação de acordo mútuo. Estar num ambiente confortável para a conversa, garante uma percepção maior dos trejeitos e maneiras de falar de cada uma das mulheres, para além da simples oralidade.

A princípio, a ideia era tirar dúvidas e questionamentos a respeito das narrativas após o relato inicial, retomando pontos mencionados anteriormente. Contudo, na prática, percebeu-se a necessidade de em alguns momentos incentivar a fala das entrevistadas, seja perguntando sobre algo que elas já haviam exposto ou questionar perguntas a respeito de sua vida, como por exemplo, sobre a família, infância, educação, filhos, rotina e qualquer outro aspecto que naquele momento soasse relevante para aquela mulher.

Os segundos encontros foram essenciais para que lacunas não preenchidas na primeira conversa pudessem ser preenchidas. Além disso, devido à "intimidade" já estabelecida entre

ambas as partes, pôde-se perceber uma abertura ainda maior para relatos cada vez mais íntimos, repletos de sentimentos e emoções, sem qualquer censura própria.

Para Medina (1996), é por meio das entrevistas que as dimensões de subjetividade entre entrevistado e entrevistador tornam-se ainda mais presentes. Ambos acabam por se modificar cada vez que descobrem um pouco mais sobre o outro, colhendo dessa relação o fruto mais puro e honesto.

Ainda que as dimensões virtuais possam ter dificultado uma aproximação mais rápida e espontânea entre as partes, a leveza e espírito descontraído das fontes permitiu que uma conexão se instaurasse e contribuísse para uma coleta de informações ricas, repletas de detalhes, sentimentos e emoções: uma história viva que merece ser contada.

E para que pudéssemos colocar em palavras as memórias relatadas nessas entrevistas, foi necessário uma autorização por áudio de todas as fontes. Dessa forma, esclarecemos qualquer dúvida quanto à utilização de seus nomes e histórias, além de assegurar por meio daquela declaração que todo e qualquer relato compartilhado por elas eram, de fato, verdadeiros segundo às suas perspectivas. A partir daí, pudemos partir para a escrita com a tranquilidade de que tínhamos em mãos um conteúdo devidamente autorizado a ser explorado e divulgado.

4.4.2. Escrita

Ao criar uma marca mediadora, o jornalista articula histórias fragmentadas, utilizando de estratégias intimistas para contar a história dos desejos a partir do que é aflorado do seu e do inconsciente de todos os envolvidos. Assim, construir um texto que ilustra o drama presente na história de alguém é “um exercício doloroso de inserção no tempo” (MEDINA, 2003, p. 48), uma vez que, junto de nossas sete Marias, cruzamos com histórias extremamente fortes, carregadas de muita dor e sofrimento.

Desde o princípio deste trabalho, estamos lidando com histórias de vida a fim de construir, a partir delas, um livro-reportagem-perfil. Segundo Lima (2004), essas histórias podem aparecer

em forma clássica de entrevista - com a reprodução do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado - ou como depoimento direto, ou ainda uma mescla em que se combinam essas modalidades de apresentação com narrativa em primeira ou terceira pessoa. (LIMA, 2004, p. 114)

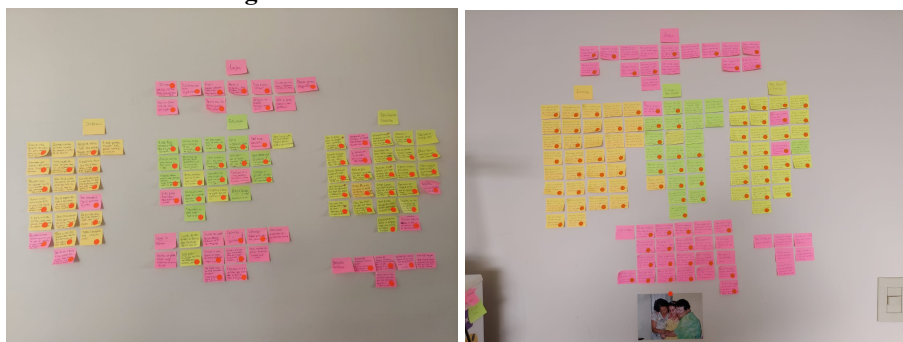
No caso de “*Astromélias de Marias*”, foi utilizado a narrativa em terceira pessoa, com uma pequena introdução em primeira pessoa para que o leitor pudesse sentir um pouco das sensações e sentimentos do entrevistador no momento da entrevista. Dessa forma, buscou-se não abandonar aquilo que o jornalista literário tanto preza que é investir na forma como as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e ações (MARTINEZ, 2009), tanto por parte do entrevistador, do entrevistado quanto do próprio leitor.

A atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana, ou seja, o momento da vivência do acontecimento, possui uma forma transcultural de relação, de forma alguma accidental, uma vez que o relato sobre algo não é apenas uma disposição de acontecimentos, e sim o registro de ações humanas, a partir de suas lógicas, personagens, tensões e alternativas. É assim que se estrutura a vida e conseqüentemente a identidade daquela pessoa (ARFUCH, 2010).

Assim, como já mencionado anteriormente, Bourdieu (1986 *apud* BASTOS, 2004) reforça o quanto estamos condenados a buscar a organização de nossas ideias para assim transmitirmos a mensagem desejada, nesse caso, as histórias de vida de sete mulheres, de forma que realmente manifeste a identidade individual de cada uma delas.

Para isso, fugimos das telas de computadores e celulares a qual a produção estava tão centrada. Foi em paredes brancas, como telas prontas para serem pintadas, que colorimos o espaço e externalizamos cada uma das entrevistas, memórias e relatos compartilhados pelas fontes. Em papéis adesivos coloridos, as anotações foram escritas e coladas na parede, buscando uma melhor observação e organização da história de vida.

Figuras 3 e 4: Boards de Histórias



Imagens: Arquivo Pessoal

Os boards coloridos de adesivos colantes foram divididos em cinco partes principais: infância/família (laranja), educação (verde), vida adulta/família (amarelo), rotina/lazer e características físicas e comportamentos de cada mulher (ambos rosa). Com a visualização por meio de cores e “categorias” foi possível planejar melhor a linha de raciocínio que a história de cada uma das mulheres seguiria, estruturando assim palavras, capítulos e subcapítulos ao longo do livro.

Apesar das mulheres terem diversos pontos comuns entre si, ainda assim, são pessoas com características e vivências únicas que influenciam diretamente na forma como elas contam e enxergam suas próprias histórias. Dessa forma, não existiu um padrão na escrita dessas memórias, mesmo que, de maneira geral, tendemos a construir uma linha cronológica de acontecimentos por entender que assim, compreenderíamos ainda mais as influências destes ao longo de toda a vida.

Outro ponto presente em todos os capítulos foi a urgência em resgatar a oralidade das entrevistadas, por acreditar que suas falas são elementos importantíssimos para refletir suas identidades e demarcar suas características como personagens. A fala, inclusive, é um dos cinco marcadores de personagem utilizados por Oswaldo Coimbra (2002). Por isso, ao longo da narrativa em terceira pessoa, foram inseridas diversas citações de falas, exatamente do jeito que foi pronunciado pela fonte, com suas gírias e vícios de linguagem.

Já dizia Motta (2004) que o narrador busca evocar os acontecimentos conhecidos de forma a induzir o leitor a participar como espectador quase presente nos eventos relatados. Logo, o objetivo principal ao longo do processo de escrita foi colocar em cada adjetivo, substantivo, gíria e até cada vírgula, o retrato das personagens narradas. Assim, conseguiríamos cumprir com o propósito de evidenciar as vivências, com suas mais diversas curvas e declives, de mulheres cujas trajetórias a afastaram cada vez mais de uma sala de aula, impedindo, em alguns casos, de realizarem seus maiores sonhos em vida.

4.5. Solicitando autorizações

Como toda produção para conclusão de curso, ainda mais jornalística, faz-se necessária a solicitação de autorizações para uso de imagem, relato e qualquer outro conteúdo concedido pela fonte. Para esse projeto, solicitar essa autorização requereu um procedimento

adaptado, uma vez que a autorização tradicional é por escrito, preenchido pela própria fonte e assinado por ela ao final.

Entendendo que estamos lidando com pessoas cuja realidade impediria tal feito, optamos por receber essas autorizações em formato de áudio. A princípio, solicitei o padrão de nome e dados pessoais, como CPF e RG, na tentativa de dar credibilidade a quem autorizava. Contudo, conceder dados como esse a uma pessoa completamente estranha não foi possível uma vez que já é um receio dessas senhoras em preservar informações e evitar possíveis falsificações e roubos virtuais.

Assim, orientei que as fontes falassem apenas seu nome completo e que estavam cientes de que seus nomes estariam num livro, juntamente com suas histórias. Apesar de tentar ter um roteiro de resposta, cada uma delas transmitiu a mesma ideia com diferentes palavras. As autorizações foram enviadas em áudio via *WhatsApp* e armazenadas para segurança da produção do projeto experimental.

Quando as histórias já estavam escritas, percebemos a necessidade de retomar contato com as fontes a fim de repassar para cada uma delas os tópicos, principalmente os sensíveis, que estariam no livro. A partir desse compartilhamento, inclusive leitura de capítulos, as fontes autorizaram novamente o que poderia ou não ser falado. Toda essa conversa foi gravada em áudio para se juntar à primeira autorização.

Por mais simples que um processo de autorização seja, adaptamos à realidade de nossas personagens a fim de que todas estivessem confortáveis e cientes de tudo o que conversamos e que estaria no livro, disponível a todos que adquirirem um acesso futuro à produção.

4.6. Pós-Produção:

A etapa final da produção de “*Astromélias de Marias*” começou antes mesmo das histórias serem finalizadas. Ainda em abril, quando as entrevistas estavam começando, entrei em contato com possíveis ilustradores para solicitação de orçamento. A artista Letícia Ventura, estudante de Arquitetura da UFES e proprietária do perfil Artetatuante²⁸, no *Instagram*, imediatamente, aceitou adentrar ao projeto.

²⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/artetatuante/>

Conforme as entrevistas iam acontecendo, solicitei, a cada uma das mulheres, fotos para que eu pudesse me inspirar na escrita e Letícia as utilizasse para produzir as ilustrações que estariam presentes em cada um dos capítulos. Ao utilizar os desenhos, permitimos trazer a personalidade das Marias sem precisar mostrar seus verdadeiros rostos, possibilitando ao leitor imaginá-las da forma que sua imaginação o conduzisse ao começar cada capítulo e se deparasse com um desenho.

Com as histórias escritas e as ilustrações prontas, deu-se início ao processo de revisão de tudo o que havia sido produzido, verificando e confirmando informações, organizando os fatos e corrigindo possíveis erros ortográficos cometidos ao longo do processo. A partir daí, começamos a dar vida, propriamente dita, ao livro.

Figura 5: Capa de *Astromélias de Marias*



Ilustração: Letícia Ventura/Artetatuante

Diagramando-o no programa *Illustrator 2020*, “*Astromélias de Marias*” trouxe consigo ao longo de cada uma das 228 páginas a ideia de flores, plantas e raízes, a fim de que o nome realmente fizesse presente ao longo de toda a obra. A capa do livro traz a ilustração da face de uma mulher em que ao mesmo tempo que demonstra sufoco, também alcança a sua liberdade de crescimento e florescimento. As mãos no pescoço representam exatamente os obstáculos encarados pelas mulheres ao longo de sua vida, as inúmeras vezes que se sentiram silenciadas e impedidas de seguir em frente.

As astromélias são encontradas em sete cores diferentes: vermelho, lilás, laranja, amarela, rosa, vinho e branca, o que por coincidência ou não, também é a mesma quantidade de Marias de nosso livro. Logo, cada uma das flores representa uma de nossas mulheres, com suas diferentes trajetórias e alcançando o colorir de suas próprias vidas.

Ao abrir o livro, após capa e dedicatória, há duas páginas reservadas, que após a defesa do trabalho na banca, serão preenchidas por um prefácio escrito pela orientadora Prof^a Kátia Fraga. Em seguida, introduzimos o trabalho e damos início a de fato apresentar cada uma das nossas sete mulheres.

Em páginas bege, cinza e marrom, as demais cores são proporcionadas pelas ilustrações coloridas das mulheres que introduzem cada um de seus capítulos. Abaixo dessas, o primeiro nome é esboçado pela própria escrita individual, como cada uma das Marias escreve.

Divididos em subcapítulos para melhor organização das histórias, o desenho de uma planta marca o fim de cada um deles, visando assim transmitir ao leitor que um novo recorte no perfil daquela mulher será feito a partir dali. Os agradecimentos encerram o livro, acompanhados por duas ilustrações pessoais: Vó Vanda e eu, com menos de um ano de idade, em 1999; e uma segunda, abraçada com minhas duas avós, Vó Ia e Vó Vanda.

5. NOSSAS MARIAS

As mulheres, cujas histórias compõem esse livro, são a representação de tantas outras Marias espelhadas pelo Brasil, de norte a sul do país. Em cada uma delas, o leitor pode facilmente se recordar de suas próprias famílias, vizinhas e amigas, alcançando assim o objetivo de incomodar, fazer o outro refletir e enxergar a sua volta a problemática do analfabetismo e as consequência desse para a vida de outrem.

Nossas Marias são mulheres comuns, que facilmente poderiam ser uma parente, uma mãe, uma avó, uma tia ou uma vizinha. Elas são o retrato das mulheres analfabetas que estão ao nosso redor e não enxergamos. Por mais anônimas que sejam, carregam consigo uma história de vida repleta de linhas, curvas e retornos. A complexidade de sua trajetória garante

que por mais “anáfora”, desconhecida, que sejam, tenham um repertório “redondo”, completo (BRAIT, 1987), e que merece ser ouvido.

Em “*A vida que ninguém vê*”, Eliane Brum (2006, 1.1566) debruça-se sob dramas anônimos como os épicos que são: “*como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida é uma Odisséia*”. Ou seja, cada uma de nossas Marias, ainda que sejam personagens anônimas, possuem uma pequena, mas grandiosa, história de vida.

O nosso desafio, assim como relembra Brum (2006, 1.1594) é “*pisar sobre as mesmas pedras, mas olhar de outro lugar*”. Alteramos o foco por apenas míseros segundos e com “*uma inclinação de alguns centímetros de pescoço*”, alcançamos um resultado avassalador. Conseguimos olhar para esses personagens desconhecidos por um ângulo que nos permite enxergar e vislumbrar a força de suas histórias.

Logo, foi no momento em si da entrevista que pudemos olhar de outro lugar, ou seja, “*sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações e os detalhes*” (BRUM, 2006, 1.1630). A partir deste, construir uma relação de confiança e entendimento entre entrevistador e entrevistado, o que nos permite ouvir seus questionamentos, exposições e impressões acerca de sua própria trajetória e realidade. Desta forma, conseguimos para além do saber, sentir a subjetividade de cada uma daquelas mulheres.

Cruzamos o caminho com Alzira, Teresinha, Luiza, Maria Lucia, Leia, Maria das Graças e Vanda, mulheres anônimas que dificilmente seriam reconhecidas em um mar de pessoas enquanto andam pelas ruas de sua cidade do interior. Tratamos aqui de mulheres entre seus 56 e 81 anos que já passaram por muitos desafios ao longo da vida, perdas, ganhos, tristezas e alegrias, que compartilham entre si diversas memórias e sentimentos semelhantes.

Cinco de nossas Marias são mineiras, selecionadas devido a proximidade e facilidade em se aproximar dessas. Uma é fluminense, mas que ainda nova mudou-se para Minas. A última é sergipana e está entre as nossas entrevistadas devido a minha relação de parentesco com esta, no caso, minha avó paterna. Entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e Sergipe, por meio de suas lembranças, percorremos e vivenciamos com cada uma delas os capítulos de sua vida e que as levaram a se tornarem as mulheres que são hoje.

Assim, para além de somente introduzir suas histórias, neste capítulo, busca-se compartilhar a experiência de entrevistá-las em moldes virtuais. Poder trazer um pouco à tona dos “bastidores” do livro-reportagem, quando e como foram as conversas, construção de intimidade e relacionamento com elas. Lembrando que por tratarmos de senhoras cujo processos educacionais não foram concluídos, acreditávamos que as entrevistas online seriam limitadoras e dificultariam qualquer absorção de conteúdo. Contudo, em todas as mais de 15 entrevistas realizadas, pudemos perceber o quanto estávamos enganados e fomos capazes de construir um relacionamento de uma grande amizade com nossas Marias.

5.1. Alzira Carlos Malta de Freitas

Nininha, como gosta de ser chamada e apelido este que carrega desde a infância, é natural de Araponga/MG. Aos 57 anos, é viúva e mãe de três filhos, Andreia, André e Sandro. Nossos caminhos se cruzaram por intermediação de Joice, bolsista do Greens - Grupo de Estudos e Práticas sobre Envelhecimento, Nutrição e Saúde da Universidade Federal de Viçosa, que acompanha a senhora em atividades do projeto, como a Escuta Solidária.

Conversar com Nininha foi como se deitar em uma rede e se balançar, enquanto escuta as histórias de uma família. Com tanta tranquilidade e facilidade, a senhora parecia já saber exatamente o que queria contar e deixar registrado para as próximas gerações. Mesmo quando as memórias a levavam a momentos difíceis de sua vida, permanecia firme e forte compartilhando tudo aquilo que vinha à sua mente.

Tivemos dois encontros, um no dia 30/03, às 8h30, e outro no dia 08/04, às 9h30, já que as manhãs sempre eram mais tranquilas para Nininha. O espaço de tempo entre uma entrevista e outra deu-se por conta de problemas técnicos com o celular que eu utilizava na época. Como a senhora só tinha facilidade com *WhatsApp*, após contornar o imprevisto, retornamos as nossas conversas por vídeo chamada.

Em sua cidade natal, as mulheres estão à frente nas estatísticas de analfabetismo, com 24,9%, aumentando quando recortamos somente para a zona rural, 26,1%²⁹. Felizmente, Nininha vem de uma família onde a educação sempre foi prioridade, logo, via seu pai se desdobrando no trabalho braçal da roça a fim de manter suas crianças na escola. Contudo, mesmo sendo uma excelente aluna, teve sua trajetória interrompida, já que a partir do 5º ano

²⁹ DATASUS Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/censo/cnv/alfbr.def>

seria preciso se deslocar para cidades vizinhas para estudar, o que para a família não era viável.

E mesmo com as perdas ao longo do caminho, Nininha permanece uma mulher forte, emanando uma paz a cada palavra que sai de sua boca. Ela ainda tem muitos planos pela frente desde que se aposentou. Agora, mais do que nunca, quer correr atrás do seu grande sonho em ser professora.

5.2. Teresinha Martins Campo e Silva

A senhora de olhos azuis e cabelos pretos ondulados foi a primeira com quem tive a honra de conversar. Sogra do meu chefe do estágio a conheci a partir de conversas quando parecia que eu nunca encontraria uma mulher pouco escolarizada e com acesso à internet em meio a pandemia. Felizmente, Teresinha apareceu com seu sorriso no rosto e uma empolgação enorme para que pudéssemos passar a tarde de sábado juntas, no dia 20/03 às 16h.

Ao longo de toda a sua vida, Teresinha trabalhou muito para ajudar a família na roça e posteriormente, já adulta, com os serviços domésticos nas diversas casas por onde já passou. Até hoje, a senhora trabalha como faxineira, só que agora em um dos laboratórios da UFV, onde sua filha caçula realiza as pesquisas do Doutorado. Por isso, os dias de semana são sempre mais corridos para a senhora, optando assim por se reunir comigo aos sábados ou domingos.

Assim como Nininha, Teresinha também só frequentou a escola até o 5º ano, por mais que tenha sido o oposto da boa aluna que a primeira foi. Teresinha vivia se metendo em brigas com os alunos mais velhos que viviam atrás dela e de seu primo, perturbando e ameaçando bater nas crianças. Nesse contexto conturbado, mais toda a exaustão do trabalho na roça, não tinha muitos incentivos para que a menina continuasse a estudar, muito menos se deslocar para uma cidade vizinha.

Após nosso primeiro encontro virtual, demorou quase um mês para que pudéssemos nos ver novamente. Esse intervalo deu-se por conta de que suas duas filhas e seu genro haviam se contaminado com Covid-19 e Teresinha, de forma alguma, estava com cabeça para qualquer conversa que não fosse saber minuto a minuto do quadro de saúde de sua família.

Quando todos, felizmente, melhoraram, foi somente no dia 17/04, às 10h, que retomei o processo de conhecer ainda mais sobre sua vida. Assim como as outras mulheres, Teresinha passou por muitos maus bocados, seja trabalhando muito na infância, apanhando do pai, sofrendo em um casamento infeliz e precisando se desdobrar para colocar a comida na mesa para suas três crianças. Hoje, a senhora só esbanja alegria, alcançando a felicidade em sua vida, por mais que não tenha parado de lutar em busca dela.

5.3. Luiza Ribeiro

Conhecer Luiza foi sem dúvidas um dos encontros mais difíceis dentre todas as entrevistas até então. Enquanto Nininha e Teresinha contavam como, apesar dos obstáculos enfrentados, conseguiram superá-los e serem felizes, Luiza foi o oposto, afirmando já nos primeiros minutos que se considerava uma mulher triste. Nossos dois encontros aconteceram nos dias 18 e 21/04, ambos às 13h, sendo que o último precisou ser agilizado ao máximo já que logo em seguida, a senhora tinha um culto online para assistir e a bateria de seu celular precisaria durar até o evento terminar.

O coração doeu a cada segundo que se passou e a senhora descreveu o quanto se sentia infeliz em sua vida por não ter conseguido realizar seu grande sonho de construir uma família e ter filhos. Os 70 anos em sua carteira de identidade só reforçava o quanto o tempo passou e ela permaneceu sozinha, sem ninguém, por mais que tenha tentado quebrar esse ciclo.

Filha adotiva de uma mãe branca e pai negro, desde a infância, a menina sofreu com o racismo, horas explícito e horas velado. Após separação dos pais, falecimento da mãe, precisou ir morar com o pai, o que também não deu muito certo. A partir dali, Luiza começou a pular de casa em casa e encontrou no trabalho doméstico como uma solução para a procura de um trabalho e um lar para ficar.

Luiza carrega diversos traumas e dores enraizadas em seu coração, que se tornaram evidentes a cada memória trazida à tona. Por isso, por mais que a senhora tenha toda e qualquer liberdade para contar o que deseja, busquei também incentivá-la a procurar em suas memórias os momentos de felicidade, ainda que tenham sido poucos. Dali, sorrisos e risadas começaram a surgir e nossa conversa tomou um ritmo leve e confortável para ambas, mesmo que a dor permanecesse ali, viva no corpo, alma e memória da senhora.

A história de Luiza é a que acreditei que seria a mais difícil de escrever, devido a rigidez e emoção das lembranças relatadas pela senhora. E realmente, foi. Por conta da ética jornalística, muitas memórias dolorosas da mulher não puderam ser inseridas na versão final. As palavras passaram para a tela do computador num piscar de olhos, da mesma forma que ela compartilhou comigo suas maiores dores como se já nos conhecêssemos há anos. Entretanto, buscando preservar minhas morais como escritora, e também a própria fonte, cortes foram feitos, por mais importantes que fossem para entender as cicatrizes de Luiza.

5.4. Maria Lucia Sabino Bosco

Risadas não faltaram em nenhum dos dois encontros, de quase duas horas cada, que tive com Lucia, nos dias 27/04 e 02/05. A senhora acorda antes mesmo das galinhas, quando o sol ainda nem ameaça aparecer, iluminando tudo por onde toca. Às 5h, ela já está de pé e nada mais justo que conhecê-la ainda pela manhã, às 8h, depois dela limpar a casa e estar pronta para um novo dia.

Mulher negra, de cabelos pretos cumpridos, começou a trabalhar ao mesmo passo que aprendia a andar e por isso acabou que Lucia nunca conseguiu entrar numa sala de aula, já que sua vida era dedicada totalmente aos cuidados dos pais acamados. Junto de seus irmãos mais velhos, aprendeu a capinar na roça, a ir para a beira do fogão à lenha e chegar ao amadurecimento adulto muito antes do tempo. Aos 12 anos, a menina já bebia e fumava por incentivo dos pais. Aos 14, já havia caminhado até o altar e casado com um homem bem mais velho que ela. Os únicos bons frutos dessa união foram os quatro filhos que trouxe ao mundo, o resto, prefere nem comentar. E por isso, logo pulamos essa fase, conversando sobre tudo aquilo que Lucia fazia questão de lembrar nos maiores detalhes.

Com 64 anos completos, a senhora vive, sem dúvidas, o melhor momento de sua vida. Ao lado de sua verdadeira paixão, Bosco, mora em uma casa enorme, repleta de plantas verdes, galinhas e tudo aquilo que torna aquela construção seu verdadeiro lar repleto de amor. Vinda de uma família de 11 irmãos, seria estranho se não mantivessem a tradição de grandes mesas de Natais. São 11 netos, fora os cinco bisnetos espalhados por cada canto de Minas Gerais. Segundo Lucia, se ela parar para contar a quantidade de pessoas de sua família, ela ficará dois dias falando e não será suficiente para chegar ao fim.

A história de Maria Lucia é a maior dentre as sete Marias. E não tenho dúvidas que isso se deve ao prazer que a senhora tem por conversar. Em meio a tantos sorrisos e risadas, ela relembrava de seu passado, compartilhando suas memórias com detalhes vívidos, como falas exatas de seus familiares, a ponto de eu sentir que estava junto dela em cada um dos momentos. Ela se divertia em frente a câmera do celular que vinha aprendendo a mexer nos últimos anos, com ajuda da filha e do marido. Por mais que a sala de aula para aprender o ABC não tenha sido uma realidade para a senhora, ela nunca mediu esforços para desenvolver qualquer que seja suas habilidades, frequentando diversas aulas de artesanato e costura.

Estar “junto” de Lucia foi um aprendizado e tanto, onde aprendi até curiosidades sobre pescaria, hobby que ela tanto ama praticamente junto de seu marido. Em meio a tantas dificuldades de uma vida inteira, a senhora nunca desistiu de continuar tentando e seguindo em frente, aprendendo e superando dos pequenos aos grandes obstáculos, tudo em prol de sua felicidade.

5.5. Lelia Maria Borges

Foi por intermédio da neta mais velha, Jenifer, que conheci a Dona Lelia, ou Leia como também costumam chamá-la. Natural de Guaraciaba/MG, aos 72 anos, frequentou a escola por pouco tempo, até completar o 3º ano, pois assim como as demais Marias, o serviço braçal na roça a chamava.

Mas a história de Dona Lelia, seus jeitos e gostos, somente foi possível de conhecer com a ajuda de sua filha e mãe de Jenifer, Maria José. Maria é a filha do meio, último presente de seu ex-marido antes de falecer, e por isso carrega no nome uma homenagem ao pai José. Lelia é uma senhora muito tímida e envergonhada, ainda mais com uma pessoa estranha com quem ela nunca havia trocado qualquer palavra, como era meu caso. Por isso, qualquer contato prévio que eu fizesse era diretamente com Maria, já que Lelia não sabe mexer nesses celulares mais modernos que temos hoje em dia.

A timidez da senhora, em muitos momentos, impedia que ela contasse mais sobre a sua vida e por isso a filha foi uma figura importante em todas as etapas desse processo de compartilhar lembranças. Nem sempre as memórias de Lelia vinham com clareza e repleta de detalhes, na maioria das vezes eram borrões que se amenizavam quando Maria ajudava a mãe a voltar ao passado.

Era após encerrar a chamada de vídeo, longe do celular, que Lelia lembrava de acontecimentos de décadas passadas, contando à filha e a qualquer outro parente que estivesse por perto. Quem sabe um dia ainda nos possibilitamos sentarmos juntas na mesma mesa da cozinha para que possamos conversar sem qualquer aparelho intermediando o contar natural de uma história.

Ainda assim, em nossos dois encontros que aconteceram nos dias 23/04, às 19h, e 30/04, às 19h30, conheci e muito a senhora que compartilhou algumas das memórias de sua infância, adolescência e fase adulta. As derrotas, perdas e dores ao longo da vida não foram poucas. Lelia precisou enfrentar muitos momentos difíceis com a cabeça erguida a fim de também garantir carinho, força e atenção a suas crianças. Nada foi fácil para a senhora que abandonou a sala de aula para continuar trabalhando e auxiliando a família nas tarefas domésticas e no cuidado da roça.

Essa entrevista foi a única onde alguma outra pessoa auxiliou o processo de entrevista, uma vez que se viu necessário por conta das dificuldades tecnológicas de nossa senhora. Por isso, tenho muito a agradecer a Maria pelo suporte ao longo do processo. Sem dúvidas, ela foi uma peça fundamental para que a mãe se sentisse mais confortável em conversar com uma tela fria de celular que a todo momento travava devido às falhas de conexão.

5.6. Maria das Graças Gomes Moreira

Assim como Alzira, Maria Lucia e Luiza, meu caminho cruzou com o de Graça por meio da ajuda de Joice, voluntária de um dos projetos que atuam no Programa Municipal para Terceira Idade, na cidade de Viçosa/MG. Antes mesmo de realmente marcar um encontro com a senhora, já comecei a conhecê-la graças às histórias que ela ia contando pelas mensagens de áudio no *WhatsApp*. Por conta dos limites escolares das Marias, se não estivéssemos conversando via chamada de vídeo, utilizávamos da ferramenta em áudio para se comunicar, uma vez que elas não poderiam escrever nem ler qualquer mensagem textual trocada.

Ficamos um bom período apenas por mensagens em áudio já que Graça estava passando por um triste período junto de seus familiares internados por contaminação de Covid-19. A senhora perdeu tio, tia, primos, um seguido do outro, e logo, preferi por dar espaço suficiente para que ela optasse pelo melhor momento para conversarmos.

Antes mesmo de conhecer mais a fundo a história de Graça, já pude perceber a mulher forte e batalhadora que ela era, tendo ela mesma confirmado essas características momentos

depois. Apaixonada por rosa e vestindo uma blusa da mesma cor, Graça apareceu do outro lado da tela do celular em diversos dias e encontros. Apesar das perdas, recentes e passadas, a senhora não tirava o sorriso no rosto, por mais que em alguns momentos ele dividisse espaço para as lágrimas que escorriam conforme as lembranças chegavam.

Os encontros gravados tiveram duração total de quase quatro horas, acontecendo nos dias 20/04, às 8h30, 23/04, às 10h e 26/04, às 9h. Para além deles, conversamos e muito por WhatsApp. Graça sempre fez questão de mandar mensagens, fotos e vídeos todos os dias, como faz com todos os seus “irmãos do coração”. É por isso que, em pouco tempo, criamos uma confiança e amizade que facilitou o conhecer de sua história de uma forma mais leve e tranquila, sem muitas dificuldades.

A senhora também ama tirar fotos e guardar de recordação. Logo, rapidamente, fui recebida com diversas imagens de todos os seus familiares, filhos, netos, irmãos, pais. Podendo associar os nomes a, de fato, um rosto facilitou que me sentisse ainda mais por dentro de todos os acontecimentos da família, dos bons aos ruins. Graça, aos 60 anos, ainda se sente como uma adolescente aos 18 anos, com uma vida inteira pela frente para viver e explorar. E assim, ela busca diariamente encontrar a felicidade que merece, carregando junto de si sua fé em Santa Rita e a paixão pelo marido que se foi.

5.7. Vanda da Conceição Nascimento

Ao contrário das demais Marias, meu encontro com Vanda não se restringiu a uma ou duas chamadas de vídeo. Fazemos, praticamente, ligações semanais para que possamos contar uma à outra sobre os últimos acontecimentos de nossas vidas. Dona Vanda é minha avó que, aos 81 anos, retornou para suas terras sergipanas, residindo lá, desde 2019, junto de seu marido, gatos e cachorros.

Por mais de 50 anos, Vó Vanda e Vô Chico moraram em Santos/SP, onde nasci e pude ser criada durante toda a infância por eles, enquanto meus pais trabalhavam. Logo, contar a história dessa senhora não partiu apenas das memórias visitadas por ela, mas também de tudo aquilo que pude observar enquanto crescia sob seus cuidados.

Oficialmente, realizei uma entrevista presencial com ela em janeiro de 2020, quando a visitei em Aracaju/SE, depois de mais de um ano sem vê-la por conta da pandemia. Infelizmente, a gravação desta entrevista foi perdida quando um problema técnico deu pane no celular que usava na época. Mas com as anotações no papel pude recuperar muito do que havíamos conversado e recordei esses fatos em nossos encontros virtuais posteriores.

As chamadas de vídeo eram sempre direcionadas ao celular do vô, já que vô não tem o seu próprio. Nesses últimos tempos, ela já até aprendeu a atender, segurar o aparelho e percorrer toda a casa mostrando as plantas que cresceram desde que a visitei pela última vez. Com a distância física, evidenciada ainda mais pela pandemia, foi por meio das chamadas de vídeo que pude estar próxima dela e claro, coletar todas as suas memórias a respeito de sua infância até agora.

Devido à idade, assim como Lelia, por exemplo, Vanda já não se recorda muito bem de seu passado, o que em alguns momentos, acabou por fazer com que ela pulasse certas fases da vida por não se lembrar do que de fato aconteceu. Com as memórias e percepções que tenho da minha própria avó, pude trazer algumas contribuições e lembranças complementares, mas sempre utilizando do direcionamento da senhora para contar qualquer que seja a história.

Escrever sobre alguém que eu conheço, sou próxima e amo, ao mesmo tempo que facilitou, também dificultou, uma vez que precisei priorizar algumas memórias frente a outras. A inspiração de todo esse livro foi a história de Dona Vanda, com todos os seus obstáculos, dores, felicidades e conquistas. Mesmo assim, vô carrega uma enorme mágoa em seu peito por não ter estudado e se tornado a mulher burra e analfabeta, como ela faz questão de descrever.

E por isso, assim como feito com minha avó, também procurei em cada uma das Marias mostrar que elas não são apenas senhoras que não concluíram seus estudos e cujas trajetórias de vida a limitaram e a impediram de realizar sonhos. De fato, parte desse fato pode ser verdade, mas não é exclusivo, nem o suficiente, para abranger mais de 50, 60, 70 e até 80 anos de vida dessas mulheres. Minha avó é uma guerreira forte e determinada a continuar batalhando, seja com um lápis ou uma enxada na mão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Pena (2006, p.1), a natureza do jornalismo está no medo. *“O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer.”* E para que isso ocorra, é preciso transpor limites, superar barreiras e ousar. Sem dúvidas, muitos obstáculos foram enfrentados e superados ao longo da produção de *“Astromélias de Marias: Narrativas de Vida de Mulheres Brasileiras”*.

Em nenhuma das milhares de suposições que faço sobre o “amanhã” quando encosto minha cabeça no travesseiro, todas as noites, imaginei que enfrentaria uma pandemia. Muito menos que tudo isso aconteceria enquanto eu estivesse produzindo esse trabalho, que sonho e idealizo há anos. Tive muito medo sim. Receio e insegurança de não conseguir entregar aquilo que tanto esperava.

E mesmo com tantos limites impostos à produção, não desisti e encontrei maneiras de superar cada uma das tais barreiras que surgiram sem qualquer aviso prévio. De mulheres analfabetas a mulheres pouco escolarizadas, de entrevistas presenciais a chamadas de vídeo, de um abraço a uma tela fria do celular. Mudanças foram necessárias durante todo o percurso a fim de que hoje pudéssemos chegar até aqui com um livro fechado e redondo.

Segundo Lima (2004), o livro-reportagem busca ampliar-se para abranger muito além do passado e do presente, mas se tornar um potencial criativo para o futuro. Em “*Astromélias de Marias*”, debruçamos sob o passado de sete mulheres que foram revisitados em uma memória muitas vezes esquecida por elas mesmas com o decorrer dos anos. Lembranças essas dolorosas e felizes, que machucam e que colocam um sorriso no rosto de nossas Marias.

Contar sobre a história de um outro alguém não é nada fácil, exigindo do escritor decisões e atitudes muitas vezes difíceis de serem tomadas, além é claro da construção de uma confiança e parceria junto de suas fontes. Em um formato de livro-reportagem-perfil, buscamos abranger pequenos e essenciais recortes da vida de cada uma delas, contando suas trajetórias, desafios e conquistas, ainda que na maioria deles pouco se tenha falado sobre a educação propriamente dita, uma vez que nesses casos ela nem sequer existiu para ter registro na memória da mulher. Ainda assim, exatamente pelo fator de inexistência que os demais recortes tornaram-se essenciais em serem contados.

Por isso que, apesar de termos partido de uma ideia de discussão do pouco ou inexistente acesso à uma educação de qualidade, fomos muito além. Junto das sete Marias, conhecemos realidades diversas, mergulhamos em histórias grandiosas que em suas entrelinhas nos mostram os gargalos da estrutura social, política e econômica de nosso país.

A princípio, trazemos que a predominância do poder masculino e o silenciamento sobre as mulheres são algumas das causas da ausência dessas nos ambientes de estudo. Contudo, ao conhecer as Marias, percebemos que existem fatores maiores e reveladores de

outros atravessamentos que, de fato, são mais evidentes na realidade delas. O contexto geográfico de zona rural, presente em seis das sete mulheres, juntamente com as dificuldades econômicas enfrentadas pela família e as insuficiências na educação pública do campo naquela época, permitem-nos perceber a vasta rede de limitações.

São as Marias que nos mostram a partir de seus relatos como podemos entrelaçar as reflexões de ordem teórica com a realidade de suas vivências. A dimensão da escolarização e do processo de alfabetização é ampla, extensa e também reveladora de uma série de outras histórias.

“*Astromélias de Marias*” nasceu com o objetivo de homenagear minha avó paterna Vanda, figura muito presente em minha vida e que se considera analfabeta, e por isso, “infeliz e burra”, como ela mesmo diz. Vó Vanda não é a única que teve seus sonhos estilhaçados pela dor de uma vida inteira e por isso, encontrei Nininha, Teresinha, Maria Lucia, Luiza, Lelia e Maria das Graças. Nas histórias que trazemos até vocês, essas mulheres abrem o coração e tocam em pontos sensíveis e íntimos de sua vida, revelam sentimentos e laços profundos com seus familiares, por mais dura que a vida se apresentasse. A partir de seus relatos em vida, nossas Marias reafirmam sua existência pela eternidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Allan de. *New Journalism: a experiência literária*. Crítica e Companhia. [19--]. Disponível em: <http://www.criticaecompanhia.com.br/allan.htm> Acesso em: 02 nov. 2020.

ALGRANTI, Leila Mezan; NOVAIS, Fernando Antonio. **Honradas e devotas: mulheres da colônia; estudo sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do sudeste 1750-1822**. 1992. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro, 2010.

AROUCHA, Cecília Barbosa Lins; SANTOS, L. de F. **Narrativas de vida e reflexões do professor como agente de letramento na escrita do Gênero diário**. *Gláuks - Revista de Letras e Artes*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 274-295, 2020. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/129>.

BASTOS, Liliana Cabral. **Narrativa e vida cotidiana**. *SCRIPTA*, v. 7, n. 14, p. 118-127, Belo Horizonte. 2004.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1987.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006. Ebook Kindle.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo. 2002.

CORTESÃO, Luiza. **Alfabetização na perspectiva de Paulo Freire**. *Revista Brasileira de Alfabetização - ABAlf*. v. 1. n. 5. p. 161-173. jan./jun. 2017.

CURVAS de mortes e casos de Covid no Brasil apresentam tendência de queda. Fantástico. G1.Globo.com, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/10/11/curvas-de-mortes-e-casos-de-covid-no-brasil-apresentam-tendencia-de-queda.ghtml>> Acesso em: 02 abr. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)**. Educação. 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101736>. Acesso em: jun. 2021.

_____. **Tendências demográficas**: uma análise da população com base nos resultados dos Censos Demográficos de 1940 e 2000. Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv34956.pdf> Acesso em: 03 ago. 2021.

IDOSOS na Era Digital. ZAHG Hub Digital & Trading Desk. São Paulo. set. 2020. Disponível em: <http://zahg.com.br/arquivos-ebooks/ebook3-idosos-na-era-digital.pdf> Acesso em: 06 abr. 2020.

FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicação e Jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo, Hacker. p. 11-14. 2000. Acesso em: 03 set. 2021.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2004.

LIMA, Ediany Aparecida Pereira. **“Sou analfabeta, mas não sou pacata”**: Estratégias construídas por mulheres negras pouco escolarizadas para viverem em uma sociedade estruturada pela escrita. Belo Horizonte. 2016.

MACHADO, Ida Lucia. **A narrativa de vida como materialidade discursiva**. Revista da ABRALIN, [S.l.], v. 14, n. 2, aug. 2015. ISSN 0102-7158. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42557>>. Acesso em: 01 nov. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rabl.v14i2.42557>.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra; OLIVEIRA, Débora Maria da Costa. **Minha casa não é minha e nem é meu esse lugar**: memórias dos idosos ao relento de abrigos de luxo. Gláuks: Revista de Letras e Artes. v.19; n.1 jan/jun. 2019. p.101-120.

MARIA, Vida. Direção: Márcio Ramos. Produção: Joelma Ramos e Márcio Ramos. VIACG Produção Digital; Triofilmes. 2006. Disponível em: <https://youtu.be/yFpoG htum4> Acesso em: 25 set. 2020.

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada.** Estudos em Jornalismo e Mídia. Fronteiras com a Literatura. UFSC. Florianópolis, v. 6, n. 1. 2009

_____, Mônica. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas.** Intercom-rbcc, São Paulo, v. 40, n. 3, p.21-36. 2017.

_____, Mônica. **O jornalista-autor em ambientes digitais:** a produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. Comunicação Midiática, v.9, n.1, p.56-77, 2014.

_____, Mônica. HEIDEMANN, Vanessa. **Jornalismo literário: afeto e vínculo em narrativas.** Lumina. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. v. 13, n 1, p. 4-14. jan/abr. 2019.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem.** Canoas: Ed. Ulbra, 1996.

_____, Cremilda. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MORAES, Marileia Gollo de; SCHWENGBER, Maria Simone Vione **Mulheres e heranças educativas no analfabetismo.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 233-249, 2017.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Edição 1. 2004.

OS idosos, a pandemia e a inclusão digital. ZAHG Hub Digital & Trading Desk. São Paulo. set. 2020. Disponível em:

<http://zahg.com.br/arquivos-ebooks/ebook4-os-idosos-a-pandemia-e-a-inclusao-digital.pdf>

Acesso em: 06 abr. 2021.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito.** Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2006.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. **A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada.** The Specialist. São Paulo, v. 39, n. 3, p. 1-14. 2018.

REIS, Sara Cristina Sane. **A apuração no jornalismo literário**: Discutindo estratégias de repórteres da Revista Piauí. Universidade Católica de Brasília. 2018.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Mulheres e educação no Brasil-colônia**: histórias entrecruzadas. 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Papyrus. São Paulo. 1994.

SILVA, Amanda Tenório Pontes. **A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico**. Estudos em Jornalismo e Mídia. v. 6, n. 2. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n2p403/14470>

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Um olhar na história**: a mulher na escola Brasil: 1549 - 1910. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. Summus. São Paulo. 2003

WALTZ, Igor. **O “jornalista sentado” e condições de produção**: considerações sobre práticas profissionais na comunicação em rede. Leituras do Jornalismo. Ano 2, v. 2, n. 4. 2015.

WOLFE, Tom. **The Birth of ‘The New Journalism’**. New York Magazine. New York. 14 fev. 1972. Disponível em: <https://nymag.com/news/media/47353/> Acesso em: 06 abr. 2021.